



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RÁRAMI QUARESMA ZEFERINO NASCIMENTO**

***HOMESCHOOLING: UM ESTILO DE VIDA***

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2016**

**RÁRAMI QUARESMA ZEFERINO NASCIMENTO**

***HOMESCHOOLING: UM ESTILO DE VIDA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Teresa Cristina Vasconcelos

**Campina Grande - PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244h Nascimento, Rárami Quaresma Zeferino  
Homeschooling [manuscrito] : um estilo de vida / Rárami  
Quaresma Zeferino Nascimento. - 2016.  
56 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Ma. Teresa Cristina Vasconcelos,  
Departamento de Educação".

1. Homeschooling. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. 4. Família.  
5. Educação domiciliar. I. Título.

21. ed. CDD 370

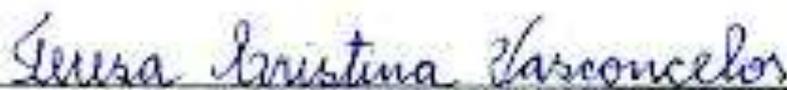
**RÁRAMI QUARESMA ZEFERINO NASCIMENTO**

**HOMESCHOOLING: UM ESTILO DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 20 / 05 / 2016

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Ms. Teresa Cristina Vasconcelos  
(ORIENTADORA – UEPB)



Profa. Dra. Marta Lúcia de Souza Celino  
(EXAMINADORA – UEPB)



Prof Dr. Derivaldo Alves Salustiano  
(EXAMINADOR – UFCG)

Aos que têm coragem  
E força de vontade  
Aos que têm ímpeto transformador  
E educam com amor  
Aos que não temem inovação  
E dizem: Por que não?  
E aos que zelam pela família  
Dedico essa monografia.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me guiou na escolha do tema e da orientadora para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, assim como me fortaleceu e amparou nas situações adversas;

A Teresa Cristina, pela sua generosidade, alegria, dedicação, e por ter se mostrado mais que uma orientadora, uma mãe e amiga com quem tive o prazer de compartilhar o meu trabalho e situações da minha vida;

À família que entrevistei, pela sua disponibilidade e colaboração;

À minha família, em especial meu pai que considero coorientador da minha monografia, e minha mãe pelos seus conselhos e pelas palavras de ânimo;

A Luciana Quintino e Nazaré Oliveira, minhas colegas de turma e amigas que sempre estiveram comigo nos bons e maus momentos;

A Rayane Diniz e Natália Adão, amigas e irmãs na fé, a quem muitas vezes recorri quando precisei de um ombro amigo;

A Marzina Vida, por estar sempre presente nos momentos difíceis na minha vida pessoal e acadêmica;

A Samuel Farias, que me direcionou e atualizou em alguns aspectos do *Homeschooling*;

À igreja em que congrego, pelo apoio, palavras de ânimo e orações.

*É muito fácil continuar a repetir as rotinas,  
Fazer as coisas como têm sido feitas, como todo mundo faz.  
As rotinas e repetições tem um curioso efeito sobre o pensamento:  
elas o paralisam.*

*A nossa estupidez e preguiça nos levam a acreditar  
Que aquilo que sempre foi feito de um certo jeito  
Deve ser o jeito certo de fazer.*

*(Rubem Alves)*

## RESUMO

Com a presente monografia investigou-se como se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem no *Homeschooling* - no Brasil, conhecido como Educação Domiciliar. Definiu-se como objetivos: 1- apresentar conceitos/definições de homeschooling e um breve histórico da educação escolar; 2- discutir sobre a base legal e a questão da socialização do *homeschooler*; 3- analisar o processo de ensino-aprendizagem no *Homeschooling*. Como procedimento metodológico foi realizada uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, utilizando-se a entrevista como instrumento de coleta de dados. Para a fundamentação teórica e análise de dados, contou-se os autores Andrade (2014), Aranha (2006), Moreira (s/d), entre outros. A partir da análise dos dados, Percebemos que os entrevistados, apesar se contradizerem em algumas falas, se mostram informados sobre esse tema e explanam justificativas e críticas ao sistema escolar. Concluimos que para ensinar os filhos em casa, é necessário um acordo entre os pais, já que essa decisão irá repercutir em todas as áreas de suas vidas. Ressaltamos quem nem toda a família tem as condições necessárias para praticar a educação domiciliar, já que é necessário investimento financeiro e dedicação total aos filhos. Aderir à educação domiciliar não se trata de substituir a escola, mas de encontrar uma alternativa de ensino para os pais que queiram e possam educar seus filhos em suas residências.

**Palavras-Chave:** *Homeschooling*. Ensino-Aprendizagem. Família.

## ABSTRACT

With the present monograph was investigated how to develop the teaching-learning process no Homeschooling- in Brazil, known as Home Education. Was defined as aim: 1- present concepts / homeschooling definitions and a brief history of school education; 2 discuss the legal basis and the issue of socialization of homeschooler; 3- analyze the process of teaching-learning no Homeschooling. As methodological procedure was held a field research, qualitative nature, using the interview instrument like data collect. For the theoretical foundation and data analysis, went counted with the authors Andrade (2014), Aranha (2006), Moreira (s / d), among others. From the data analysis, we noticed that the interviewees, although they contradict in some speaks, they show themselves informed on this subject and expound justifications and criticisms of the school system. We conclude that to teach their children at home, it is necessary an agreement between the parents, since this decision will reverberate in all areas of their lives. We emphasize that not every family has the necessary conditions to practice home education, since it is necessary financial investment and total dedication to the children. Adhere to home education is not about to replace the school, but to find an educational alternative for parents willing and able to educate their children in their homes. Adhere to home education not if treat replace the school, but to find an educational alternative for parents willing and able to educate their children in their homes.

**KEYWORDS:** *Homeschooling*. Teaching-Learning. Family.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<i>HOMESCHOOLING: CONCEITOS/ DEFINIÇÕES</i> .....	13
<b>CAPÍTULO 2</b>	
EDUCAÇÃO: <i>HOMESCHOOLING</i> NA HISTÓRIA .....	17
<b>CAPÍTULO 3</b>	
BASE LEGAL E A QUESTÃO DA SOCIALIZAÇÃO.....	22
<b>CAPÍTULO 4</b>	
FAMÍLIA, CRÍTICA À ESCOLA E AO <i>HOMESCHOOLING</i> .....	29
<b>CAPÍTULO 5</b>	
PLANEJAMENTO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM .....	33
<b>CAPÍTULO 6</b>	
<i>HOMESCHOOLING: UM ESTILO DE VIDA</i> .....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS .....	54

## INTRODUÇÃO

*O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram. (Jean Piaget)*

Somos de religião Cristã-Evangélica e soubemos que os pastores da igreja local em que congregamos tiraram os filhos da escola para ensiná-los em casa, seguindo um processo denominado *Homeschooling*, ou Educação Domiciliar, como foi traduzido para o português.

Diante desse fato, nossa primeira reação foi de estranheza, pois não conseguíamos imaginar como seria possível que crianças e adolescentes aprendessem os conteúdos curriculares oficiais em sua própria residência, estudando apenas sob a orientação de seus pais. O estranhamento inicial evoluiu para curiosidade. Então, decidimos pesquisar sobre esse tema em busca de possíveis respostas para a seguinte questão: como se dá o processo de ensino-aprendizagem no *Homeschooling*? Todavia, ao aprofundarmos nossos estudos, observamos que ele ultrapassa a questão de ensino-aprendizagem, abrangendo todos os demais aspectos da vida das famílias que optam por essa modalidade de ensino. Por isso, decidimos intitular essa monografia de *Homeschooling*: um estilo de vida. Ressaltamos que a nossa opção por usar no título o termo em inglês se deve ao fato de assim o encontrarmos na maior parte dos escritos que consultamos sobre esta temática.

Esse trabalho é relevante por abordar questões pertinentes à família, ao tratar da função e importância desta; à educação, ao versar sobre concepções de ensino e de aprendizagem; e à sociedade em geral, no que se refere à educação e socialização dos estudantes do *Homeschooling*.

Nosso objetivo geral foi analisar o processo de ensino-aprendizagem no *Homeschooling*. Para tanto, especificamente buscamos:

1. apresentar conceitos/definições de *homeschooling* e um breve histórico da educação escolar;
2. discutir sobre a base legal e a questão da socialização do *homeschooler*;
3. analisar o processo de ensino-aprendizagem no *homeschooling*.

No intuito de alcançar nosso objetivo traçamos o percurso metodológico da seguinte forma:

A abordagem e os sujeitos da pesquisa

A investigação aqui apresentada é de natureza qualitativa, uma vez que o objetivo de compreender como se dá o processo de ensino-aprendizagem no *homeschooling* nos conduziu

ao entendimento de significados construídos pelos participantes a partir da leitura de um discurso que revela aspectos do contexto de suas atividades cotidianas.

Conforme Minayo (1999, p.21-22),

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Justificamos a escolha da abordagem qualitativa por ser a que melhor possibilita a interpretação minuciosa dos fatos.

Buscando alcançar nosso objetivo realizamos uma pesquisa de campo, este visto como “uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação” (MINAYO, 1999, p.53)

Sendo assim, optamos por essa abordagem para que a análise dos dados possibilite a construção de um quadro de informações consistentes e uma compreensão mais aprofundada sobre como se dá o processo de ensino-aprendizagem no *homeschooling* na família objeto da pesquisa cujo sobrenome decidimos omitir. Neste trabalho nos referimos a cada um dos membros dessa família pela letra inicial do seu nome, como mostramos no quadro a seguir, em que constam algumas informações básicas sobre eles.

<b>Nome</b>	<b>Parentesco</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Profissão</b>
R	Pai	46 anos	Publicidade pela UCSAL (2004)	Publicitário
L1	Mãe	45 anos	Secretariado Executivo pela UFBA (1998)	Dona de casa
L2	Filha	17 anos	Estudante de Jornalismo (Faculdade Anhanguera)	x
G	Filho	14 anos	Estudante do Ensino Fundamental II – 9º ano	x

Importa aqui informarmos os motivos que nos levaram a eleger essa família como objeto de estudo. Ao nos decidirmos pelo tema e elaborarmos a questão da pesquisa surgiu o problema de haver, em nossa cidade, apenas uma família que aderira ao *homeschooling*, mas que ainda não tem condições de desenvolver integralmente a proposta. No entanto, esta nos

informou que em agosto de 2015 hospedaria uma família vinda da cidade de Brasília-DF, a qual já vem realizando a Educação Domiciliar há algum tempo, tanto que o objetivo da sua presença aqui em Campina Grande-PB seria o fato de um de seus membros proferir palestra sobre essa temática na igreja em que o seu anfitrião é pastor.

Diante disso, sendo também participante da mesma congregação, aproveitamos a oportunidade para conhecer a família, falar sobre a pesquisa e expor nossa intenção de entrevistá-la, que foi acolhida prontamente.

Instrumento para coleta de dados

Neste estudo, o problema de pesquisa engloba questões relacionadas à definição de *homeschooling*, de ensino e de aprendizagem; ao processo de ensino-aprendizagem realizado pela família; e aspectos da atualidade concernentes à educação domiciliar. Neste sentido, elaboramos uma entrevista semiestruturada, com perguntas para os pais e para os filhos, feitas a cada um, individualmente.

Segundo Seidman (1991, citado por MIGUEL, 2010, p. 3), o principal motivo de se realizar uma entrevista é o interesse nas histórias de outras pessoas.

Temos interesse pelo outro, por suas histórias, reflexões, ordenamentos dos fatos e acontecimentos. O propósito da entrevista detalhada não seria, portanto, o de fornecer respostas a perguntas específicas, nem mesmo o de testar hipóteses ou avaliar algo específico, mas buscar tentativas de compreender a experiência de outras pessoas e os significados que elas atribuem para essas experiências (MIGUEL, 2010, p. 3).

Esta autora considera que “escolher a entrevista como instrumento de pesquisa é uma maneira interessante de privilegiar a introspecção e a compreensão das experiências dos indivíduos” (MIGUEL, 2010, p. 10).

“O pesquisador deve ter noção do tempo a ser utilizado na pesquisa e valorizá-lo em termos pecuniários. Deve prover-se dos equipamentos e materiais necessários ao desenvolvimento da pesquisa” (GIL, 1991, p. 21). Logo, objetivando adquirir mais informações em relação à educação domiciliar, de forma que os entrevistados respondessem naturalmente, por meio do diálogo, gravamos suas respostas usando um aparelho de telefone celular e, posteriormente, fizemos a transcrição, com a finalidade de analisarmos as respostas, fundamentando essa análise à luz de autores que discorrem sobre esse tema, tais como: Andrade, Boudens, Oliveira, Anastasiou, Tolstói, entre outros.

O percurso efetivado na pesquisa permitiu a organização deste trabalho em quatro capítulos. O primeiro é composto de cinco tópicos em que apresentamos conceitos de

*Homeschooling*, realizamos um resgate histórico, abordamos a base legal, a questão da socialização, e como se dá a passagem do estudante de *Homeschooling*, da educação básica para a universidade.

No segundo, explanamos o conceito e a importância da família na formação dos filhos; a relação família-escola; críticas à escola, e à educação domiciliar.

No terceiro, abordamos conceitos de ensino, aprendizagem, planejamento e avaliação.

No quarto, apresentamos a entrevista que fizemos com uma família que aderiu ao *Homeschooling*, analisando as respostas à luz das teorias referidas na fundamentação teórica.

## CAPÍTULO 1

### **HOMESCHOOLING: CONCEITOS/DEFINIÇÕES**

Há pais que decidem tirar os filhos da escola e justificam essa decisão afirmando que aderiram ao *Homeschooling*. Então, ouvem a inevitável pergunta: O que é isso?

Com o intuito de encontrar respostas consistentes pesquisamos autores que abordam esse assunto. A seguir, expomos suas concepções.

Segundo Barbosa (2009, p.1), apesar do entendimento sobre a importância da educação para o exercício da cidadania ser debatido em muitos países, e que no Brasil o acesso à educação obrigatória atende quase a totalidade das crianças em idade escolar, atualmente surgem indagações sobre a legitimidade do Estado em relação à compulsoriedade da educação escolar. Com o fim de proteger as identidades religiosas das famílias, como forma de garantir segurança aos filhos, ou como crítica à escola pública considerada de baixa qualidade, há uma discussão pela mídia nacional e internacional acerca de uma alternativa contrária a essa compulsoriedade: o Ensino Doméstico, mais conhecido na versão inglesa como *Homeschooling*.

Conforme Mizuki (2014), *Homeschooling* é um movimento que surgiu nos Estados Unidos por volta da década de 70, quando autores como Jonh Holt começaram a escrever acerca da Reforma Educacional.

O termo *Homeschooling*, de língua inglesa, é utilizado com a finalidade de identificar uma modalidade de educação específica, a qual é organizada e implementada pelos próprios pais como alternativa de escolarização de seus filhos em casa. A tradução mais comum em português é *Educação Domiciliar*, em uma tradução literal da palavra *home* (casa, ou lar), com a palavra *school* (escola). O termo escola no gerúndio (*schooling*), “está carregado de um sentido de ensino contínuo, no qual os pais se dispõem para o processo de ensino-aprendizagem em formas e condições contínuas e cotidianas da vida da criança e da família, organizadas intencionalmente ou não para o fim educativo” (ANDRADE, 2014, p. 19).

Boudens (2002) afirma que ensino em casa significa instrução no lar, sob a responsabilidade direta dos pais. Diz que se trata de uma educação extraescolar, ou uma alternativa de educação. Comenta:

*Home Schooling* seria uma alternativa de educação formal, ou, de ensino intencional e sistemático, caracterizado pelo desenvolvimento do currículo escolar fora da escola, em casa, com validade legal, desde que cumpridas as

exigências mínimas respeitantes a dias letivos, carga horária, programas de ensino, critérios de avaliação do rendimento etc. (BOUDENS, 2002, p.10).

Segundo a Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED), outros países onde se pratica o *Homeschooling* têm utilizado outras denominações referentes ao mesmo, tais como: Ensino Doméstico; Ensino em Casa; Educação no lar; Escola em casa; Educação doméstica; Educação não institucional; Educação familiar. Outro termo utilizado por alguns é *Unschooling* ou *Desescolarização*, criado pelo escritor americano John Holt para se referir ao processo inicial que resultará no *Homeschooling*. “Atualmente, também se refere a uma variação do modelo, na qual se busca instruir os filhos, eliminando qualquer referência à realidade escolar [...]” (ANDRADE, 2014, p.19).

Para a ANED, a Educação Domiciliar (*Homeschooling*) é uma modalidade de educação que tem duas características específicas que a distingue de outras:

- Os principais direcionadores e responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem são os pais do educando (aluno);
- A educação não ocorre em uma instituição, mas no **seio da própria família** (no lar, na vizinhança, em passeios, etc.).

A associação acima citada diz que dentro dessas características pode haver variações relacionadas a: material didático, rotina, sequenciação de conteúdo, atividades, avaliação, etc.

Comungamos com a ANED no entendimento de que *Homeschooling* é uma modalidade de educação, e quanto à tradução do termo – Educação Domiciliar.

Andrade (2014, p. 22) defende que o *Homeschooling* é um “Movimento Social de proporções crescentes e aspirações legítimas”. Tal afirmação tem como base a “Declaração de Berlim”, documento resultante da Conferência Global de Home Education, realizada em Berlim, Alemanha, em novembro de 2012.

Para melhor apreendermos o que Andrade quer dizer com esta afirmação faz-se necessário explicitar o conceito de movimentos sociais.

Segundo Goss e Prudêncio (2004, p.2), no início do século XX o conceito de movimentos sociais apenas se referia à organização e ação dos trabalhadores em sindicatos. A partir dos avanços de estudo pelas Ciências Sociais, as definições assumiram uma consistência teórica. Apesar do desenvolvimento que o conceito teve nos últimos anos, ainda hoje não há consenso no conceito de Movimentos Sociais.

Diante de uma nova geração de conflitos sociais e culturais, os movimentos sociais contemporâneos lutam pela democratização das relações sociais. Neste sentido, Touraine (1998) afirma que:

(...) as novas contestações não visam criar um novo tipo de sociedade, mas ‘mudar a vida’, defender os direitos do homem, assim como o direito à vida para os que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito à livre expressão ou à livre escolha de um estilo e de uma história de vida pessoais (TOURAINÉ, 1998, p. 262 apud GOSS e PRUDENCIO, 2004, p. 6).

Desse modo, os movimentos sociais abordam questões que antes ficavam restritas à ordem privada, como as questões de gênero, de orientação sexual, entre outras. Assim, entendemos que os defensores do Homeschooling fazem parte de um movimento social porque compartilham da luta pelo direito à livre escolha de um estilo de vida.

#### Estilo de vida e Motivos para o *Homeschooling*

Ferreira (1999, p. 836) apresenta mais de vinte sentidos para o verbete estilo. Dentre eles, o que aqui nos interessa é o de “maneira de tratar, de viver; procedimento, conduta, modos”, pois quando intitulamos este trabalho *Homeschooling*: um estilo de vida foi com este sentido que empregamos tal vocábulo.

Portes (2011) afirma que, Segundo a Organização Mundial da Saúde, Estilo de Vida “é o conjunto de hábitos e costumes que são influenciados, modificados, encorajados ou inibidos pelo prolongado processo de socialização”.

Para os elaboradores do Dicionário inFormal (2014), “estilo de vida é uma expressão moderna que se refere à estratificação da sociedade por meio de aspectos comportamentais, expressos geralmente sob a forma de padrões de consumo, rotinas, hábitos ou uma forma de vida adaptada ao dia-a-dia”. Colaboradores da enciclopédia livre Wikipedia, apresentando uma definição concisa dizem: “É a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivencia o mundo e, em consequência, se comporta e faz escolhas”.

A escolha de um estilo de vida é justificada pelos motivos que levam as pessoas a fazê-la.

Segundo Mizuki, tanto nos EUA, como no mundo, o *Homeschooling* tem sido um movimento que vem crescendo e adquirindo mais adeptos. “As razões para este crescimento são diversas, como a insatisfação geral com o sistema educacional até razões bem pessoais

como crenças religiosas e filosóficas” (MIZUKI, 2014) . Em conformidade com esta autora, Andrade explicita que

Alguns pais *homeschool* se veem como parte de um movimento social mais amplo, em oposição direta à escolaridade institucional, em razão de suas falhas. Muitos outros pais, entretanto, se veem simplesmente no exercício da livre escolha por uma abordagem alternativa para educar seus filhos (ANDRADE, 2014, p.36).

Boudens (2002, p.17) comenta que, segundo pesquisas feitas nos Estados Unidos, entre as razões profundas que fazem decidir pelo “ensino em casa” destacam-se:

a) a crença de que a responsabilidade direta e intransferível dos pais pela instrução dos filhos é um mandamento divino (ver: Deuteronômio);

b) a insatisfação com o ensino escolar, cuja deterioração é visível em todos os níveis, tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista moral, especialmente nas instituições públicas.

O autor ressalta que as vantagens da educação domiciliar seriam de natureza moral e pedagógica:

Ensino em casa seria sinônimo de abstenção de álcool e drogas; proteção contra violência, facadas e tiros; imunização contra as más influências de colegas de estudo; preservação das perversões sexuais, da AIDS e do satanismo. Numa outra vertente, o ensino em casa melhoraria a capacidade de ler e escrever, permitiria adequar o ensino às necessidades pessoais da criança, ensinaria que os alunos se ajustem na sociedade de uma forma positiva, promoveria a coesão familiar, impregnaria o ensino de preceitos morais e verdades religiosas (BOUDENS, 2002, p. 18).

Ele diz que para os *home schoolers* a matrícula em qualquer escola implica a aceitação dos valores assumidos pelo sistema de ensino, tais como: o espírito de competição, o sucesso profissional, a capacitação tecnológica e científica. Além disso, o adolescente teria que aceitar a moral do grupo e regular sua conduta pelas regras estabelecidas por ele.

## CAPÍTULO 2

### EDUCAÇÃO: *HOMESCHOOLING* NA HISTÓRIA

Ao ouvir menção ao *homeschooling*, muitas pessoas pensam que é uma modalidade de ensino atual, porém é mais antigo que a instituição escola. Como afirma Aranha (2006, p. 34), “Estamos tão acostumados com a escola que, às vezes, nos parece estranho o fato de que essa instituição não existiu sempre, em todas as sociedades”. Neste sentido, fizemos um sintético resgate histórico da educação, tendo por base escritos desta autora, a fim de tentarmos estabelecer relação entre algumas formas de educação adotadas em espaços/tempos diferentes e a proposta do *homeschooling*. Evidenciamos esta relação chamando a atenção para aspectos que se encontram grifados no texto:

Nas comunidades tribais pré-históricas, considerando diferenças conforme o lugar e o tempo, as crianças aprendiam imitando os adultos. Era uma **educação “para a vida e por meio da vida”**, sem alguém especialmente destinado para a tarefa de ensinar, e sem necessidade de ameaçá-las com castigos para que aprendessem. Pelo contrário, os adultos eram pacientes com os erros e respeitavam o seu ritmo. Desse modo, elas desenvolviam aguda percepção do mundo e aperfeiçoavam suas habilidades (ARANHA, 2006, p.34-35. Grifo nosso).

Na antiguidade oriental, cujas civilizações se desenvolveram no norte de África e na Ásia, sendo as sociedades de forte teor religioso, o que havia de comum entre elas no tocante à educação era a quase inexistência de mudanças. Criaram a escola, mas esta era restrita a poucos e muito tradicionalista. **A grande massa era excluída e submetida à educação familiar informal** (ARANHA, 2006, p.41-45. Grifo nosso).

Na antiguidade grega a educação estava centrada na formação integral – corpo e espírito – (influência dos filósofos). **Antes da invenção da escrita, a educação era ministrada pela própria família, seguindo a tradição religiosa**. Vale salientar que a escrita já existira na Grécia, mas desapareceu com a invasão dos dórios (grupo grego que invadiu o Peloponeso, por volta do século XII a.C.) e só ressurgiu no final do século IX ou VIII a.C.. Com o advento da aristocracia dos senhores de terras, os jovens da elite passaram a ser confiados a preceptores. As primeiras escolas só apareceram com o surgimento das cidades-estados. Nestas cidades, **a transmissão da cultura não acontecia apenas na família ou nas escolas, mas também em atividades coletivas, acessíveis a todos, como o teatro e os festivais. Também eram educativos os banquetes e as reuniões em praça pública** (ARANHA, 2006, p.57-62. Grifo nosso).

Na antiguidade romana podemos distinguir a educação em três fases:

- a educação latina original, de natureza patriarcal;
- a influência do helenismo, criticada pelos defensores da tradição;
- a fusão da cultura romana com a helenística;

Em seu desenvolvimento, tratou-se de uma educação inicialmente rural, militar e rude, até atingir os requintes da formação enciclopédica, já amalgamada com a cultura grega. Em todos os momentos o processo de aprendizagem acontecia de forma lenta, realizado por meio de métodos penosos de memorização. Entretanto, em todas as épocas permaneceram alguns aspectos da antiga educação, como **o papel da família, representado pelo pai onipotente e afetuoso, e pela ação efetiva da mulher, a “mãe romana”** (ARANHA, 2006, p.89-94. Grifo nosso).

A Idade Média abrangeu um período de quase mil anos durante o qual a cultura se constituiu de um amálgama de elementos greco-romanos, germânicos, cristãos e das civilizações de Bizâncio e do Islã. Essa ligação de culturas provocou mudanças que repercutiram, dentre outros aspectos, no modo de educar as gerações. No pensamento medieval, a educação surgiu como um instrumento para um fim maior: a salvação da alma e a vida eterna. Prevalencia a **visão de Deus como fundamento de toda a ação pedagógica e finalidade da formação do cristão**. As técnicas de ensino consideradas eficientes eram as que conduzissem a uma maneira de pensar rigorosa e formal. Vale lembrar que a herança cultural medieval chegou até nós, vez que o humanismo clássico, transformado pelo cristianismo, foi apropriado pelos jesuítas, primeiros educadores do Brasil (ARANHA, 2006, p.101-118. Grifo nosso).

No Renascimento foi muito grande o interesse pela educação. Educar era uma questão de moda e uma exigência, havendo uma proliferação de colégios e manuais para alunos e professores. As pessoas mais ricas ou da alta nobreza eram educadas por preceptores em seus próprios castelos. A pequena nobreza e a burguesia encaminhavam seus filhos à escola, visando uma melhor preparação para a liderança e a administração da política e dos negócios. Enquanto que a educação de segmentos populares restringia-se à aprendizagem de ofícios.

O surgimento dos colégios, do século XVI até o XVIII, aconteceu paralelamente a um novo jeito de se ver a infância e a família. A partir do século XVII crianças e adultos, que antes estudavam na mesma classe, começaram a ser separados por graus de aprendizagem.

**As escolas, em sua maioria, religiosas, multiplicavam-se e tinham como metas a transmissão de conhecimentos e, principalmente, a formação moral.** Nelas, as crianças eram submetidas a severa disciplina, incluindo castigos corporais. O regime de estudo era

rigoroso e extenso, com os programas baseados nos clássicos *trivium* (lógica, gramática e retórica) e *quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia).

Alguns leigos tiveram iniciativas de criar escolas. Havia algumas dessas na Alemanha, na França, nos Países Baixos e na Inglaterra. Muitas também proliferaram na Itália, com destaque no trabalho de Vittorino de Feltre (1373?- 1446), tido como o primeiro grande mestre humanista.

A Reforma Protestante criticava a Igreja Medieval e propunha o retorno à leitura direta de textos bíblicos. Defendia o vínculo direto entre Deus e o fiel. Assim, a educação tornou-se um poderoso instrumento para a divulgação da Reforma. Lutero (1483-1546) e Melancthon (1497-1560) implantaram a escola primária para todos. Todavia, com uma distinção: para as camadas trabalhadoras, uma educação primária elementar, enquanto para as privilegiadas a educação se prolongava até o ensino médio e superior.

A reação católica veio com a criação de ordens religiosas, em especial, a dos jesuítas, que formou inúmeras gerações, sob rigorosa organização, durante mais de duzentos anos.

No Brasil, a partir de 1549, os jesuítas promoveram a catequese dos índios, a educação dos filhos dos colonos, a formação dos novos sacerdotes e da elite intelectual, assim como o controle da fé e da moral de seus habitantes. Para tanto, criaram escolas elementares, secundárias, seminários e missões até o ano de 1759, quando foram expulsos pelo marquês de Pombal (ARANHA, 2006, p.125-140. Grifo nosso).

**Na Europa do século XVII** a institucionalização da escola foi aperfeiçoada com a legislação que já se referia à obrigatoriedade, aos programas, níveis e métodos. Estava surgindo a escola tradicional cuja base já aparecia na sistematização elaborada por Comênio.

Enquanto na Europa se estabelecia a contradição entre pedagogia realista e educação conservadora, no Brasil a atuação da Igreja permanecia mais forte e duradoura (ARANHA, 2006, p.152-166. Grifo nosso).

**No século XVIII** fortaleceu-se a tendência liberal e laica, buscando-se **novos caminhos para a aprendizagem e autonomia do educando**. Exemplo disso era a proposta de Rousseau, do desenvolvimento livre e espontâneo, respeitando a existência concreta da criança. Outro exemplo foi o pensamento de Kant que, embora não concordando com Rousseau, também não admitiu o modelo tradicional de ideal. Para ele eram as leis inflexíveis e universais da razão pura e da razão prática que construíam o conhecimento e a lei moral, o que significava a valorização definitiva do sujeito como ser autônomo e livre.

Naquele século continuava grande o contraste entre a Europa e o Brasil, persistindo aqui o analfabetismo e o ensino precário, restrito a poucos. Depois de ter expulsado os

jesuítas, o marquês de Pombal não conseguiu implantar de imediato as inovações de sua reforma e isso provocou o retrocesso de todo o sistema educacional brasileiro. **Só os mais abastados tinham condições de oferecer a educação doméstica a seus filhos, pagando preceptores.** As demais crianças em idade escolar eram reunidas nas igrejas, em salas das prefeituras e de lojas maçônicas ou na casa dos professores, que podiam ser nomeados pelo governo ou contratados por particulares (ARANHA, 2006, p.171-193. Grifo nosso).

No século XIX, tanto na Europa como nos Estados Unidos, além da expansão da rede escolar pública, os educadores tinham o objetivo de formar a consciência nacional do cidadão. Neste sentido, o Estado assumiu, cada vez mais, o encargo da escolarização, dando atenção à escola elementar, cuidando para que o ensino se baseasse na compreensão da natureza infantil, preparando a criança para a vida em sociedade. Nessa época enfatizou-se a relação entre educação e progresso, o que despertou o interesse pelo ensino técnico.

**No Brasil do século XIX ainda não existia uma política de educação sistemática e planejada.** Quando a família real chegou, em 1808, o rei criou escolas, sobretudo superiores, para atender às necessidades do momento. No Primeiro e no Segundo Império havia três níveis de ensino. No nível elementar e no secundário, percebiam-se dificuldades de sistematização, já que a monarquia não se preocupava com a educação da maior parte da população, que era predominantemente rural (ARANHA, 2006, p.201-222).

No mundo contemporâneo, a crise de paradigmas fez ressurgir o ideal de superar a visão pragmática, utilitária da educação, voltada muitas vezes para a estrita especialização, na busca de uma formação mais abrangente e globalizante (ARANHA, 2006, p.63). No entanto, as promessas feitas no século XIX de implantação de uma escola pública e universal não se cumpriram de fato no século XX. Além disso, o modelo de escola tradicional, visto como anacrônico, passou por inúmeras críticas, desde a escola nova até as mais contemporâneas teorias. **E neste século XXI o modo de pensar, sentir e agir das pessoas está posto em questão, exigindo profundas modificações nas formas de educar, lembrando que a educação exige intencionalidade e recusa o espontaneísmo na ação.**

**O Brasil apresenta uma grande defasagem em relação à educação dos países desenvolvidos porque ainda não conseguiu garantir um ensino fundamental de qualidade.** Desse modo, o problema escolar brasileiro se amplia, porque **não basta aprender as primeiras letras, mas ter condições de dar continuidade aos estudos** (ARANHA, 2006, p.285-363. Grifo nosso).

Neste breve resgate histórico da educação, pudemos identificar aspectos que têm a ver com a proposta do *homeschooling*, comprovando, assim, que não se trata de novidade, pois, a ao longo da história da humanidade a sua prática já se fez presente.

### CAPÍTULO 3

#### BASE LEGAL E A QUESTÃO DA SOCIALIZAÇÃO

A vontade dos pais por praticarem um modo de ensino desvinculado do sistema escolar é defendida como expressão legítima das mudanças sociais que precisam ser reconhecidas do ponto de vista do Direito (ANDRADE, 2014, p.24).

Boudens (2002, p. 16) explica que “a reivindicação e a concessão do direito de instruir os filhos em casa ganha o devido realce quando contrastadas com a frequência escolar compulsória, estabelecida em lei”. Ele diz que a permissão para ensinar os filhos em casa, implica a dispensa do dever de participar das atividades escolares, exceto das avaliações periódicas do rendimento escolar. Esclarece que, sob o aspecto jurídico, o movimento pela defesa da escolarização em casa tem como objetivo “restabelecer o direito de os pais dirigirem e controlarem pessoalmente a educação dos filhos, com um mínimo de ingerência estatal, como ‘antigamente’” (BOUDENS, 2002, p.17). Logo, afirma o autor, o Estado não deve se interessar com o processo educativo, mas com o resultado.

Segundo Kunzman e Gaither (apud ANDRADE, 2014, p.57), a questão legal provavelmente foi o tema que mais chamou a atenção na literatura acadêmica, buscando explicar o estado atual da lei ou criar argumentos que possam vir a mudar esse *status*. Estes autores dizem que a liberdade dos pais de optarem pela prática do homeschooling gera muita discussão na doutrina jurídica dos Estados Unidos da América e na jurisprudência, havendo aqueles que defendem que deverá prevalecer o interesse do Estado, outros a opção dos pais, e outros ainda o interesse da criança.

Conforme Barbosa (2009, p. 1) “O direito de educar os filhos em casa já é garantido em alguns países como Austrália, Japão, Nova Zelândia, Canadá, México, África do Sul, Reino Unido, Estados Unidos, entre outros, contando com apoio oficial e legislação própria em cada local”. Todavia, no Brasil, apesar de a legislação federal não permitir o ensino em casa para o nível obrigatório da educação escolar, aumenta o índice de famílias que optam por esse tipo de ensino. Tanto é assim que foi enviado à Câmara, em junho de 2008, o Projeto de Lei 3518/2008, de autoria dos Deputados Henrique Afonso e Miguel Martini, que propõe alteração da Lei de Diretrizes e Bases de modo a autorizar o ensino domiciliar na educação básica, no Brasil, informa a autora.

Também tramita na câmara dos deputados o Projeto de Lei 3.179/2012, de autoria do deputado Lincoln Portela, que acrescenta parágrafo ao art. 23 da Lei nº 9.394, de 1996, de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para dispor sobre a possibilidade de oferta domiciliar da educação básica. Eis o teor do parágrafo:

§3º É facultado aos sistemas de ensino admitir a educação básica domiciliar, sob a responsabilidade dos pais ou tutores responsáveis pelos estudantes, observadas a articulação, supervisão e avaliação periódica da aprendizagem pelos órgãos próprios desses sistemas, nos termos das diretrizes gerais estabelecidas pela União e das respectivas normas locais.

O deputado apresenta a seguinte justificativa para o seu projeto:

A Constituição Federal estabelece a educação como um dever do Estado e da família (art. 205). Determina também a obrigatoriedade da educação básica, dos 4 aos 17 anos de idade (art. 208, I). É fato que, na realidade brasileira, a oferta desse nível de ensino se faz tradicionalmente pela via da educação escolar. Não há, porém, impedimento para que a mesma formação, se assegurada a sua qualidade e o devido acompanhamento pelo Poder Público certificador, seja oferecida no ambiente domiciliar, caso esta seja a opção da família do estudante. Garantir na legislação ordinária essa alternativa é reconhecer o direito de opção das famílias com relação ao exercício da responsabilidade educacional para com seus filhos. Mesmo que a matéria de que trata a solicitação já tenha sido objeto de proposições apresentadas em legislaturas anteriores e tais projetos foram recorrentemente rejeitados, o respeito à liberdade inspira a reapresentação do presente projeto de lei, sem descuidar do imperativo em dar acesso, a cada criança e jovem, à formação educacional indispensável para sua vida e para a cidadania.

Este Projeto de lei se encontra aguardando deliberação na Comissão de Educação (CE) da câmara dos deputados.

A ANED busca a regulamentação do Ensino Domiciliar, para que seja reconhecido como uma modalidade de ensino, sendo uma opção para os pais. Essa associação luta pela regulamentação, e não pela legalização, por entender que o ensino em casa não é ilegal. Ela alega que no Brasil a prática não é autorizada, mas também não é proibida por lei.

Fazendo uma análise histórica da legislação, Barbosa (2009, p. 2-8) encontrou dados que contradizem a ANED. Ela constatou que a Constituição Federal de 1988 (CF/88), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8069/90) evidenciam não ser permitido aos pais ensinar seus filhos em casa no Ensino Fundamental, considerado obrigatório para todo cidadão brasileiro. No entanto, a autora descobriu que o debate sobre a liberdade de ensino e a compulsoriedade encontra-se presente no Brasil desde o período imperial, acentuando-se no início do governo republicano e permeia todas as constituintes brasileiras.

O jurista Alexandre Magno Fernandes Moreira, diretor jurídico da Associação Nacional de Ensino Domiciliar (ANED), comenta que existe uma lacuna na legislação

brasileira pelo fato de a educação domiciliar ser um assunto que está sendo debatido recentemente. Ele explica que ela não pode ser caracterizada como um fenômeno ilegal, uma vez que não existem fatos à margem do Direito. “Apenas essa omissão já é suficiente para, de forma preliminar, declarar a validade da educação domiciliar, pois a CF tem como um dos pilares o princípio da legalidade (art. 5º, II), que considera lícita qualquer conduta não expressamente proibida em lei” (MOREIRA, s/d, p. 2).

O autor assevera que o dever de educar é da família e do Estado e para comprovar o que diz, grifa artigos da CF e da LDB:

Art. 205. A educação, direito de todos e **dever do Estado e da família**, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF – grifou-se).

Art. 2º A educação, **dever da família e do Estado**, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (LDB – grifou-se).

Ele afirma que os pais têm primazia na educação de seus filhos menores, baseado na Declaração Universal de Direitos Humanos e no Código Civil Brasileiro, respectivamente, como mostra:

3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos (artigo XXVI).

Art. 1.634. Compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores: I - dirigir-lhes a criação e educação.

Ele comenta que a eles compete escolher quais os métodos de educar seus filhos: matriculando-os na escola ou ensinando-os em suas casas.

Em relação à Constituição Federal, Moreira diz que o Artigo 208, inciso I não obriga a **escolarização**, mas a **educação**, a qual tem o sentido bem mais amplo.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

(...)

§ 3º - Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

O autor ressalta que a educação começa desde o nascimento do indivíduo e quando ele tem de 4 aos 17 anos ela deve cumprir as finalidades escritas no artigo 203 da Constituição Federal:

- a) pleno desenvolvimento da pessoa;
- b) seu preparo para o exercício da cidadania; e
- c) sua qualificação para o trabalho.

O jurista diz que a Constituição Federal, no Artigo 229 reconhece: “os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores”. Então, a educação deve ser realizada em casa. Para ele, a maioria dos pais prefere delegar à escola parte da educação, por não terem tempo, conhecimento ou disposição para ensinar os filhos em casa. Todavia, há uma minoria que prefere não delegar atribuição educacional à Escola e exercer integralmente a educação de seus filhos. Defende ainda que tais famílias devem ser respeitadas, tomando-se por base o pluralismo político da Constituição Federal, Artigo 1º:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos: I – a soberania; II – a cidadania; III – a dignidade da pessoa humana; IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V – o pluralismo político.

Assim como no pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, como diz o Artigo 206 da mesma Constituição:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino.

Moreira (s/d, p.5) acrescenta que “[...] em termos históricos, antropológicos e políticos, a família tem precedência sobre o Estado” E essa conjuntura é reconhecida pela Constituição Federal: “Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. Logo, o Estado é uma estrutura auxiliar à família, que deve apoiá-la, e apenas substituí-la quando esta não tiver condições para prover as necessidades básicas dos membros que a compõem.

Em síntese: constitucionalmente, a educação domiciliar é um dever da família, que perde boa parte do sentido de sua existência se não provê-la para seus membros mais frágeis. Também é um direito individual dos pais, que somente deixarão de exercê-lo se não puderem ou não quiserem (MOREIRA, s/d, p.5).

O autor ressalta que a LDB não exige que o aluno da educação básica tenha escolarização anterior:

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

(...)

II - a classificação em qualquer série ou etapa, exceto a primeira do ensino fundamental, pode ser feita:

(...)

c) independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino;

Desse modo, o indivíduo pode ingressar em qualquer nível da educação básica sem ter, necessariamente, frequentado uma escola, pois ele pode fazer uma prova que meça o seu conhecimento. Com relação ao ensino médio, pode-se submeter ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), já que esse “tem como consequência a expedição de um certificado de conclusão do ensino médio [...] Essa norma está contida na Portaria Normativa N° 4, de 11 de fevereiro de 2010, expedida pelo Ministro da Educação” (MOREIRA, s/d, p. 6). Dessa forma, os homescholars podem fazer o ENEM e conseguir o certificado de conclusão do Ensino Médio.

Além dos documentos acima citados, Moreira também fez alusão ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ao Código Penal (CP) e ao Conselho Tutelar, nos seguintes termos;

A matrícula em instituição de ensino somente é obrigatória, nos termos da LDB e do ECA, para os menores que não estejam sendo ensinados em casa ou cuja educação domiciliar revele-se, indubitavelmente, deficiente; Somente há crime de abandono intelectual se não for provida instrução primária aos filhos. O CP, ao prever essa conduta, não colocou como requisito que essa instrução deva ser dada na escola; O Conselho Tutelar tem o poder, assegurado legalmente, de fiscalizar a educação recebida por crianças e adolescentes, podendo, inclusive, submeter aqueles educados em casa a avaliações de desempenho intelectual condizente com sua idade. Não pode, porém, determinar o modo como serão educados, em casa ou na escola, o que constituiria abuso de autoridade por intromissão indevida na esfera do poder familiar dos pais.

Acreditamos que a exposição dos argumentos acima pode ajudar a dirimir uma das maiores dúvidas acerca da prática do *Homeschooling* no Brasil que é a questão de sua legalidade.

Outra fonte de dúvidas é a questão da socialização. Esta é uma discussão polêmica já que uma das críticas ao *homeschooling* é que ele poderia fazer com que as crianças *homeschoolers* fossem privadas de interações do grupo de formação e a inculcação de normas e expectativas sociais. O grupo que Kusman e Gaither (2013, p.19, apud ANDRADE, 2014, p.51) classificaram como *Defensores Homeschool* se posiciona contrário a essas críticas e

[...] contesta vigorosamente estes pressupostos, questionando se a escolaridade institucional fornece uma forma desejável de socialização, em primeiro lugar. Eles argumentam que a proliferação de cooperativas de aprendizagem *homeschool* e atividades em grupo extracurriculares oferecem amplas oportunidades para a interação social, mas com menos das influências sociais negativas associadas com o ensino tradicional, tais como a pressão dos colegas e *bullying*. Grande parte do debate, então, depende de o que constitui socialização desejável, e esta questão é refletida tanto na literatura empírica como na literatura normativa sobre *homeschooling* [...] (KUSMAN e GAITHER, 2013, p.19, apud ANDRADE, 2014, p.51).

Butcher (2015), narrando a sua própria experiência de *homeschooler*, comenta que em muitos lugares redes de *homeschoolings* são desenvolvidas com a finalidade de tornar disponíveis mais oportunidades sociais e acadêmicas. Diz que o fato é que algumas pessoas são extrovertidas e outras são introvertidas e isso não é certo nem errado. Dessa forma, não se deve culpar o *homeschooling* pelos estudantes antissociais sem fazer o mesmo com os estudantes antissociais que existem nas escolas públicas.

Para Abadie (2013), os professores, psicólogos, pais e familiares que são contra o *homeschooling*, usam como argumento mais frequente o fato de que as crianças precisam se socializar, “precisam conviver com outras crianças, precisam aprender a se relacionar, a lidar com as diferenças, etc.” (ABADIE, 2013).

A autora concorda que é necessário ter amigos, conviver com outras crianças, porém, para ela, a infância não é um fim em si mesmo. Ela diz que aprender a ter responsabilidades é tão importante quanto brincar e, para isso, a criança precisa ser preparada na convivência com pessoas de diferentes faixas etárias. Neste sentido, ela argumenta:

Quem dentre elas apontará o caminho para aquilo que devem vir a ser, se, ao redor de si, há apenas quem reforce, seja por meio da diversão ou por meio da disputa e da inveja, aquilo que já se é? Repito, brincar é necessário, é bom, é saudável, mas não é tudo. A ênfase excessiva nos direitos gera

adultos que não sabem lidar com deveres, como vemos cada vez mais todos os dias (ABADIE, 2013).

Para ela, a ideia de que a criança só aprende a se relacionar no convívio com outras crianças, na escola, é artificial, já que a criança nasce e cresce também entre adultos. Então, é na relação dela com eles e na observação das relações deles que a criança aprende a se relacionar. “Afirmar que a criança precisa da escola para se socializar soa-me tão natural quanto afirmar que um bebê necessita de uma cadeira para ser gestado” (ABADIE, 2013).

Ela afirma que as crianças não têm a capacidade cognitiva suficientemente desenvolvida para compreender quando estão sendo manipuladas ou forçadas a algo que contraria o modo como vive, ou aquilo que sua família acredita, e não possuem ainda estrutura emocional para resistir à força da autoridade dos professores ou às pressões dos colegas. Defende que “aos pais é que cabe a decisão de quando e como as crianças devem participar de um convívio social mais amplo, não ao Estado” (ABADIE, 2013).

Vemos que a questão da socialização é realmente polêmica, mas os defensores do Homeschooling apresentam argumentos que, se não convencem quem se posiciona contrariamente a ele, pelo menos esclarecem alguns pontos essenciais para que essa modalidade de educação possa ser respeitada.

## CAPÍTULO 4

### FAMÍLIA, CRÍTICA À ESCOLA E AO HOMESCHOOLING

Escrever sobre Homeschooling é tratar de um tema que envolve essencialmente a família. Sendo assim, importa que deixemos claro o que denominamos família quando a ela nos referimos, já que se trata de uma instituição que pode apresentar diferentes estruturas em sua composição.

Respeitando todas as demais concepções, para nós, família é um grupo de “pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos ou pessoas unidas por laços de parentesco, pelo sangue ou por aliança” (FERREIRA, 1999, p. 877).

A importância da família é tão grande, que na sua falta crianças ou adolescentes precisam de uma família adotiva ou devem ser acolhidos em uma instituição destinada a cumprir as funções dela.

Por mais que se discuta e se defenda pontos de vista diferentes sobre características, relações ou outro aspecto qualquer que envolva família, “todos coincidem, porém, com ênfases diferentes, na ideia da família como uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, submetida às condições econômicas, sociais, culturais e demográficas, mas que também tem, por sua vez, a capacidade de influir na sociedade” (TERUYA, 2000, p.1).

Sendo assim, o fato de ser considerada uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, poderia dar à família o direito de reivindicar a escolha do modo como pretende efetivar essa mediação, desde que não houvesse prejuízo nem para o indivíduo, nem para a sociedade. Especificando essa concepção geral, podemos dizer que haveria para a família possibilidade de assumir a atividade mediadora na educação de suas crianças e adolescentes, ou seja, poderia prescindir da escola, tendo as condições exigidas para tal.

Ivan Illich (1976, p.34-37), argumentando em favor da desinstalação da escola, diz que não se pode confundir a obrigatoriedade escolar com a igualdade de oportunidades na educação. Ele ressalta que o sistema escolar acredita que a maioria do que se aprende é resultado do ensino. Este pode contribuir para a aprendizagem, todavia a maioria das pessoas adquire a maior parte dos seus conhecimentos fora da escola, explica o pensador.

Marin, Stanley e Marin (1984, p.100), baseados no pensamento de Ivan Illich e Paul Goodman, comentam que boa parte das pessoas, ao pensar a sociedade sem escolas, imagina que as crianças ficariam selvagens, privadas de sabedoria e cultura. Porém, eles afirmam que

Goodman e Illich ao pensar a desescolaridade, procuram a restauração do conhecimento e da cultura, pois acreditam que são destruídos nas escolas. Para os três autores

[...] “desescolaridade” não significa um término à participação na sociedade ou no respeito pela cultura. Significa, simplesmente, uma disposição de permitir que o impulso humano que se dirige para essas coisas se expresse mais completamente e razoavelmente, numa escala mais humana, e de uma maneira mais organizada. A “desescolaridade” pretende ser uma liberalização tanto de inteligência como de energia, e está fundamentada, naturalmente, na crença de que as pessoas são capazes dos mesmos tipos de preocupações e de devoções que os seus líderes burocratas (Marin, Stanley e Marin, 1984, p.100-101).

Este posicionamento nos faz refletir sobre o quanto se mostram contraditórias as intenções quando o assunto é escola, uma vez que o modelo atual, na sua origem, foi pensado para apoiar a família.

Se, de um lado, há quem critique a escola, desejando a sua desinstalação, de outro há quem teça críticas ao homeschooling e defenda a necessidade da escola.

Emile Boudens, consultor legislativo da Câmara dos Deputados (Área XV: Educação, Desporto, Bens Culturais, Diversões e Espetáculos Públicos), diante da retomada do debate sobre a viabilidade do reconhecimento e, por conseguinte, da regulamentação do ensino em casa, elaborou, um trabalho com o objetivo de atualizar e consolidar estudos feitos anteriormente, bem como confrontar a proposta com a legislação de ensino hoje em vigor.

No referido trabalho, Boudens critica o homeschooling, alegando que são poucos os pais que dispõem de tempo, capacidade e espaço físico para ensinar seus filhos em casa. Em suas palavras:

Já não se pode educar como antigamente: a escola surgiu para assumir a instrução e, em que pese a suas deficiências, não há indícios de que esteja prestes a caducar como mecanismo indispensável à organização da sociedade urbano-industrial. Sem educação escolar obrigatória não pode haver cidadania. Sem educação escolar pública e obrigatória os pobres ficarão irremediavelmente mais pobres (BOUDENS, 2002, p. 19)

O autor também chama a atenção para o fato de, no Brasil, a universalização da educação básica ainda ser um ideal, da prioridade política ainda ser a erradicação da pobreza e da marginalização e a redução das desigualdades sociais e regionais. Para ele,

Uma política educacional afinada com tais objetivos só pode centrar-se no ensino público e na escolarização compulsória, que é o que interessa à

expressiva maioria do povo brasileiro. A criação de mais uma rede de “escolas”, a das escolas em casa, altamente seletiva, por natureza e propósito, não resolverá o problema do ensino no Brasil. Poderá, isto sim, incrementar o descompromisso político com a educação do povo (BOUDENS, 2002, p. 20)

Outra crítica feita por ele se refere a alguns textos sobre *homeschooling* que, a seu ver, tentam passar a imagem de que os Estados Unidos da América, além de berço, são também o paraíso da escola domiciliar. Em sua avaliação,

O mínimo que se pode dizer é que é sempre arriscado avaliar as atitudes, as instituições e os valores de uma sociedade fora do contexto histórico e cultural em que deitam raízes. Sem dúvida, é de se presumir que o ensino em casa, mais de que fruto de uma teoria educacional cientificamente defensável, é o resultado da dinâmica social norte-americana, a qual, por seu turno, não é possível isolar do ideário dos Pioneiros, da tradição jurídica do País e das bases comunitárias em que o processo educacional norte-americano está ancorado. Vale recordar as repetidas frustrações que nos tem causado a importação acrítica de modelos estrangeiros, tanto na área da educação quanto em outras áreas (BOUDENS, 2002, p. 20)

Com relação à visão de família-educadora, o consultor diz que é uma visão idealizadora e romântica e cita o professor e pensador francês Emile Chartier, que considera que a família instrui mal e educa pior, sendo a escola o ambiente natural da criança.

Chartier costumava dizer que não se educa bem com o coração, mas com a razão [...]. Segundo ele, no lar não há justiça. As coisas costumam ser feitas ou deixar de ser feitas em razão de um “dever filial”, porque “senão vou contar a papai”, porque senão “mamãe vai ficar triste”, porque “papai e mamãe se sacrificam tanto”, porque “nós só desejamos a felicidade de vocês”, etc. (BOUDENS, 2002, p. 22).

Complementando o pensamento de Chartier, Boudens diz que na escola predomina a regra, a relação racional e objetiva, respeitando-se a individualidade da criança, sendo nesse ambiente que a criança está bem.

É nele que a criança consegue descobrir-se, desenvolver-se, libertar-se, tornar-se adulto, auto-realizar-se, humanizar-se, descobrir-se na descoberta do outro, exercitar-se na construção coletiva do saber, superar o individualismo, a arrogância, a autossuficiência, o radicalismo” (BOUDENS, 2002, p. 22).

Dentre mais críticas e conclusões que o autor apresenta, também argumenta que em um país onde a integração é uma das finalidades da educação, não convém incentivar a prática da segregação.

Analisando as críticas proferidas por Boudens à luz da bibliografia estudada para a produção deste trabalho e da convivência com pessoas que praticam o Homeschooling, podemos dizer que:

- É fato que famílias em condições de ensinar seus filhos em casa são minoria no Brasil, mas a ideia do homeschooling não é substituir a escola, mas ser uma alternativa para as famílias que podem e querem utilizar essa modalidade de ensino;
- A Educação domiciliar não objetiva ser uma “rede de escolas”, já que não se trata de escola em casa e não pretende resolver o problema do Brasil. Na verdade, se a escola pública melhorasse sua qualidade de ensino, pais não precisariam tirar os filhos da escola e ensiná-los em casa com a finalidade de prover-lhes uma educação melhor;
- Uma criança não irá se humanizar se não possui uma boa relação com sua própria família;
- Discordamos que a escola é o ambiente natural, pois a criança nasce numa família e faz parte dela até a morte, enquanto a escola é um lugar transitório;
- O homeschooling não gera segregação, pois os estudantes da educação domiciliar continuam tendo contato com as demais pessoas, já que a escola não é o único ambiente onde há socialização. Uma vez que se assim fosse, antes de existir escola, as pessoas não se socializariam.

## CAPÍTULO 5:

### PLANEJAMENTO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Compreendendo *Homeschooling* como uma modalidade de educação, não podemos esquecer que está inserida no campo da pedagogia, esta vista como área de conhecimento que tem por objeto as práticas educativas em suas várias modalidades e que quer compreender em que condições os sujeitos aprendem melhor (LIBÂNEO, 2012, p.39). Sendo assim, interessamos incluir neste trabalho algumas reflexões de estudiosos da área acerca do processo ensino-aprendizagem.

Entendemos que para que processo ensino-aprendizagem ocorra da melhor maneira possível, sem desperdício de tempo e de recursos, é necessário que a pessoa responsável pela sua condução planeje as ações que serão realizadas pelos envolvidos nesse processo.

Em sentido amplo, planejar é uma reflexão que se faz antes de agir, examinando as reais condições em que se encontram os participantes da ação, definindo objetivos que se pretende alcançar e pensando nas formas de atingi-los.

Quando o planejamento é direcionado para uma ação pedagógica reflexiva sobre os conteúdos e as técnicas usadas na aula, é possível que essa ação seja transformadora, possibilitando ao educador enfrentar as situações na sua prática com maior segurança e organização. Isso não implica dizer que um plano de aula tem que ser seguido como algo sem possibilidade de alteração. Desse modo, ele perderia uma de suas mais importantes características: a flexibilidade, isto é, a possibilidade de ser modificado a fim de se atender a uma real necessidade da prática educativa.

Vasconcellos (1999, p.131) compreende o planejamento didático como forma de construção de uma prática educativa que supere “os equívocos e limites do ensino tradicional que tanta influência teve, e tem, nas nossas escolas e, conseqüentemente, na nossa própria formação”.

Quando o autor apresenta sua proposta de elaboração de um projeto de ensino-aprendizagem, ele a dirige aos educadores que estão no cotidiano concretizando as reais possibilidades históricas, preparando, na interação com seus companheiros, um campo fértil. Ressalta que o objetivo principal do planejamento é possibilitar um trabalho mais significativo e transformador e diz que “fazer planejamento é refletir sobre os desafios da realidade, perceber as necessidades, ressignificar o trabalho, buscar formas de enfrentamento e comprometer-se com a transformação da prática” (VASCONCELLOS, 1999, p. 131).

Portanto, ao assumir que o plano elaborado é norteador do seu trabalho, o professor demonstra que, além de ser organizado, reflete sobre suas necessidades e as de seus alunos. Esta atitude o move a estruturar os conteúdos, articulando teoria e prática, buscando formas de mediação entre os alunos e os objetos de estudo, num processo permanente de construção de sentidos, o que faz com que os alunos aprendam, no sentido da verdadeira apropriação.

Anastasiou (1998, p.1) comenta que é muito comum entre os professores afirmações como: “Eu ensinei, o aluno é que não aprendeu”. Ela diz que essa afirmação surge da ideia de que ensinar é apresentar o conteúdo numa exposição, tomando-se, assim, a simples transmissão da informação como ensino. Para a autora, “a compreensão do que seja ensinar é um elemento fundamental nesse processo. O verbo ensinar, do latim *insignare*, significa marcar com um sinal, que deveria ser de vida, busca e despertar para o conhecimento.” (ANASTASIOU, 1998, p. 2).

Esclarece esta autora que o verbo *ensinar* contém duas dimensões: *uma utilização intencional* e *uma de resultado*. Em outras palavras, a intenção de ensinar e a efetivação dessa meta. Logo, se um conteúdo foi explicado, mas o aluno não entendeu, houve a intenção, mas a meta não foi atingida.

Para Anastasiou existe também uma diferença entre aprender e apreender, e precisamos distinguir qual dessas ações está presente na meta que estabelecemos ao ensinar:

se for apenas receber a informação de, bastará passá-la através da exposição oral. [...] No entanto, se nossa meta se refere a apropriação do conhecimento pelo aluno, para além do simples repasse da informação, é preciso se reorganizar: superando o aprender, que tem se resumido em processo de memorização, na direção do apreender, segurar, apropriar, agarrar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender e compreender (ANASTASIOU, 1998, p. 3).

Segundo Vygotsky a aprendizagem acontece desde o nascimento do indivíduo e está relacionada ao desenvolvimento, sendo um “aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1984, p. 67, apud OLIVEIRA, 1995, p. 56).

Oliveira (1995, p. 58) esclarece que, para Vygotsky, é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos do indivíduo. Essa concepção associa o desenvolvimento da pessoa a sua relação com o ambiente e ao suporte que outras pessoas lhe dão. Para explicitar suas ideias sobre desenvolvimento e aprendizado, Vygotsky formulou o conceito de zona de desenvolvimento proximal:

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1984, p. 97, apud OLIVEIRA, 1995, p. 60).

Desse modo, a aprendizagem é um processo social que se realiza por meio das possibilidades criadas pelas mediações no contexto sócio-histórico do sujeito, ou seja, o processo de aprendizagem é ativado pela mediação didática.

Entendendo a importância da mediação, para sabermos se houve avanço na aprendizagem do aluno é preciso avaliar tendo em mente o conceito básico de avaliação, como propõe Vasconcellos (2003, p. 47): “percepção da necessidade e compromisso com sua superação”. Em outras palavras, utilizando um instrumento avaliativo e constatando que o aluno ainda não apreendeu o conteúdo, o professor reflete sobre a própria prática e se compromete em buscar alternativas para que a aprendizagem aconteça. Agindo dessa maneira, ele faz avaliação processual, contínua, que, na concepção de Vasconcellos (2003, p. 103) é essa atenção e ocupação permanente do professor com a apropriação efetiva do conhecimento por parte do aluno.

## CAPÍTULO 6:

### **HOMESCHOOLING: UM ESTILO DE VIDA**

Com o objetivo de compreender como se dá o processo de ensino-aprendizagem no *homeschooling*, neste capítulo analisamos as entrevistas feitas com os membros de uma família que aderiu a essa modalidade de educação. Suas respostas nos conduziram ao entendimento de significados construídos por eles, a partir da leitura de um discurso revelador do contexto de suas atividades cotidianas. Tal análise é feita à luz das da fundamentação teórica desta monografia.

Os entrevistados estão identificados pela letra inicial de seus nomes, R, L1, L2 e G, correspondendo a pai, mãe, filha e filho, respectivamente. Com a intenção de proporcionar melhor visualização por parte do leitor, as falas dos entrevistados estão transcritas em *itálico*.

Decidimos começar a entrevista com a indagação que muitas pessoas fazem quando alguém se refere a esse fenômeno denominado *homeschooling*. A nossa pergunta foi direta: O que é *homeschooling*?

**R:** *Homeschooling... Então... é uma educação integral, certo? É educação em todo o tempo. Em todo o tempo, já que você vai passar muito mais tempo com o seu filho, você tem a oportunidade de ensinar e de aprender junto com ele. Então, pode ser que você tá fazendo um bolo na cozinha e tá ali com sua filha e trabalhando ali com ela medidas de capacidade, né? Falando de gramas de quilos, falando um pouquinho de química, do calor, que muda ali a aparência do trigo e daqueles ingredientes que você colocou ali. Você pode tá com seu filho na rua e tem uma greve acontecendo e tem um monte de gente passando com cartazes, com camisas e aquilo ali é um movimento social e surge um questionamento. E ali é uma oportunidade também para ensinar. Então, o que a gente chama de educação domiciliar, mas na verdade ela não acontece só no domicílio. Ela acontece o tempo todo.*

**L1:** *Bom, na verdade é assim: eu sempre digo que a educação domiciliar é mais que uma modalidade de ensino, é um estilo de vida. Então, você tem que mudar todo o seu estilo de vida em função dessa escolha que você fez. Então, o que é que acontece?... Quando eu tomei a decisão de tirar meus filhos da escola e ensiná-los em casa eu tive que mudar não só a minha mente, mas todo o meu estilo de vida em função daquilo que eu estava propondo para os meus filhos.*

**L2:** *É um... uma mudança de mentalidade em relação ao aprendizado. Eu acredito que o *homeschooling* é essa outra opção, é alguém que parou e falou assim: cara, se a escola tá tão falida, não existe outra possibilidade? A diferença da maneira de aprender... a diferença.*

*Então, assim, eu vejo o homeschooling como essa segunda opção, essa salvação, pelo menos por enquanto, pelo menos enquanto não criou outra opção melhor, eu acho que o homeschooling é a salvação dessa percepção que a escola tá falida.*

**G:** *Homeschooling é uma...um estilo de vida que a gente é ensinado em casa. A gente aprende estudando em casa, a gente é ensinado os conteúdos básicos da escola dentro do domicílio, da própria residência.*

Percebemos que o pai e a mãe têm uma concepção da educação domiciliar como algo que engloba toda a vida das pessoas que optam por ela. Logo, acontece tanto no momento em que os filhos estão em casa estudando, como ao realizarem outras atividades costumeiras. Andrade (2014) tem o mesmo pensamento ao dizer que termo *homeschooling* é utilizado com a finalidade de identificar uma modalidade de educação específica, a qual é organizada e implementada pelos próprios pais como alternativa de escolarização de seus filhos em casa. O termo no gerúndio (*schooling*), “está carregado de um sentido de ensino contínuo, no qual os pais se dispõem para o processo de ensino-aprendizagem em formas e condições contínuas e cotidianas da vida da criança e da família, organizadas intencionalmente ou não para o fim educativo” (ANDRADE, 2014, p. 19).

Já L2 tem uma visão mais “revolucionária” em relação ao *homeschooling*, pois o conceitua como uma “mudança de mentalidade” e afirma ser a solução para ter uma aprendizagem de qualidade, já que, para ela, o sistema escolar está falido. Nota-se que definição dela se aproxima à de Barbosa (2009, p.1) quando esta diz que com o fim de proteger as identidades religiosas das famílias, como forma de garantir segurança aos filhos ou como crítica à escola pública considerada de baixa qualidade, há uma discussão pela mídia nacional e internacional acerca de uma alternativa contrária a essa compulsoriedade: o ensino doméstico, mais conhecido na versão inglesa como *homeschooling*.

Assim como os pais, G conceitua *homeschooling* como um estilo de vida, mas o restringe a aprendizagem dos conteúdos curriculares dentro do domicílio. Sua concepção se assemelha à de Boudens (2002), o qual afirma que ensino em casa significa instrução no lar, sob a responsabilidade direta dos pais. O autor diz que se trata de uma educação extraescolar, ou uma alternativa de educação.

Em seguida, consideramos importante questionar o pai e a mãe sobre o que os levou a optar por *homeschooling* e perguntamos: Por que você decidiu ensinar seus filhos em casa?

**R:** *Na verdade, ninguém tira os filhos da escola para educá-los em casa por causa de um único motivo. Em geral, essa decisão é motivada por vários fatores: desejo de dar uma educação de mais qualidade, individualizada e que respeite o ritmo e o estilo de aprendizado*

*de um aluno, já que isso não é possível numa sala com 30 ou 40 alunos; insatisfação com o ambiente escolar (bullying, violência, pressões sociais inadequadas, exposição a amizades indesejadas pelos pais, doutrinação política e ou ideológica e o ensino de princípios que contrariam as crenças dos pais). No meu caso, especificamente, além dos já citados, minha própria filha pediu para estudar em casa aos 12 anos, pois, segundo ela, a escola a desestimulava de estudar.*

**L1:** *Eu não tô tirando meu filho da escola porque eu quero... ééé... não somente por causa da questão intelectual, porque eu quero formar jovens intelectualmente preparados. Não é o meu foco. O meu foco ao tirar meus filhos da escola é formar um discípulo de Jesus, entendeu? Então por conta disso, quando eu tirei meus filhos da escola, eu tinha essa preocupação. Quando eu comecei a me deparar com situações da escola, de iniquidade, de pressão, de sofrimento, um lugar de insegurança... eu comecei a me apavorar e pensei: eu tinha que fazer algo. Foi quando eu comecei a orar e entender o que é a educação domiciliar. A minha filha clamava pra mim dizendo: me tire da escola! Ela tinha doze anos... e nesse momento eu tomei a decisão baseada em circunstâncias que ela tava vivendo, que eu falei: bom, eu vou tirar e o resto Deus vai me ajudar. E aí eu comecei a entender nesse processo que o mais importante não é o foco no intelectual, que o mais importante que eu tinha que fazer com os meus filhos... isso é importante sim, mas o mais importante é que eu tinha que cuidar da vida deles: emocional e espiritual, porque tinham sido afetados, e que o intelectual era uma coisa que vinha depois.*

Aos filhos, indagamos: Porque seus pais decidiram lhe ensinar em casa?

**L2:** *Na verdade não foram eles que decidiram, fui eu. Eu que pedi, eu que quis sair da escola, porque... na época que eu saí não tinha maturidade de pensar a escola como um sistema falido, mas pensava já que era uma coisa que não funcionava pra mim. Individualmente, e no meu pensamento egoísta, eu pensava: não, esse lugar não funciona pra mim, eu não consigo estudar aqui e me sair bem. Então, eu me saía bem em relação às outras pessoas, as outras pessoas se davam tão mal, que... assim... o meu bem era quase que... tipo, eu me saía normal. Numa turma de pessoas que não estudavam e não faziam nada, o fato de eu estudar um pouquinho já me fazia me destacar tanto. E eu percebi que isso não devia ser uma coisa normal.*

**G:** *Ééé... meus pais optaram por esse tipo de ensino porque eles acharam melhor, né?... pra minha convivência, pra... pelo meu ensino, pela doutrinação que tá tendo na escola, pelo bullying, por certos tipos de coisas que eles preferiram optar pelo meu ensino em casa.*

Analisando estas respostas vemos que L1 destaca que tirou seus filhos porque estava preocupada com a vida deles no tocante ao aspecto emocional e espiritual, pois, nesse sentido, a escola os teria prejudicado. Sendo a questão espiritual a razão principal que conduziu a essa decisão.

L2 comenta que ela mesma pediu para sair da escola, por acreditar que estava prejudicando seu desempenho nos estudos. Notamos que a sua afirmação condiz com a resposta de seu pai e sua mãe, pois afirmam que sua filha já queria sair da escola.

G enfatiza como motivo por seus pais decidirem tirá-lo da escola a questão social. Aqueles que Kunzman e Gaither (2013, p.19, apud ANDRADE, 2014, p.51) classificaram como *Defensores Homeschool*

[...] argumentam que a proliferação de cooperativas de aprendizagem homeschool e atividades em grupo extracurriculares oferecem amplas oportunidades para a interação social, mas com menos das influências sociais negativas associadas com o ensino tradicional, tais como a pressão dos colegas e bullying [...].

Nesse caso, a educação domiciliar o preservaria de uma convivência conflituosa, já que estaria sofrendo bullying.

Observamos que R cita os mesmos motivos apontados pelos demais membros da família: a questão espiritual - referida por L1; a busca de uma educação de qualidade - aludido por L2; preservação contra uma socialização conflituosa - mencionado por G. Ele não destacou nenhum desses, afirmando que foi esse conjunto de fatores que contribuiu para que tal decisão fosse tomada.

Entendendo a importância do diálogo e do respeito entre os membros de uma família na tomada de decisões que afetam a vida de todos eles, perguntamos aos pais: Como você explicou a seus filhos o fato deles não irem à escola? E cada filho: Como seus pais explicaram o fato de você não ir à escola?

**R:** *Hoje em dia, com 18 e 14 anos, meus filhos estão totalmente engajados nessa modalidade de Educação. Quando os tiramos da escola, com 12 e 9 anos, eles ficaram tranquilos. Colocamos diante deles apenas pontos positivos: aprendizado melhor, ambiente tranquilo, liberdade para errar e corrigir sem pressões ou estresse.*

**L1:** *Os nossos filhos pediram para estudarem em casa. Quando começamos a ouvir falar sobre Educação Domiciliar e a estudar sobre o assunto, procurando entender como isso seria possível. Os nossos filhos prontamente nos pediram para estudar em casa, eles queriam ter essa experiência. Então, eu nunca tive preocupação em explicar para eles os motivos de não*

*irem à escola, mais sim, de explicar as pessoas o porquê de fazermos Educação Domiciliar, o porquê dessa escolha. Eles junto conosco estavam sempre prontos para responder os motivos que os fizeram optar por essa modalidade de educação.*

**L2:** *Na verdade não foram eles que decidiram, fui eu. Eu que pedi, eu que quis sair da escola.*

**G:** *Eles explicaram que era pro meu bem e que eles acharam que era melhor pra mim eu estudar em casa e eu aceitei, eu achei boa ideia.*

R afirma que explicou os pontos positivos da educação domiciliar para seus filhos. L1 diz que, como foram seus filhos que pediram para sair da escola, não precisou explicar os motivos para ter tomado essa decisão. Sua resposta condiz com a da sua filha, a qual comenta que a decisão de sair da escola foi uma escolha dela. G destaca que seus pais acharam que seria melhor estudar em casa, e ele concordou. Observamos através desses depoimentos que a decisão dos pais de fazer *homeschooling* foi tomada em conjunto com os filhos, sendo esclarecidos e dialogados os motivos para saírem da escola e estudarem em casa.

Temos consciência de que há obstáculos a serem superados quando uma família decide optar por *homeschooling*. Diante deste fato, perguntamos aos pais: Quais os maiores desafios que você enfrenta por ensinar seus filhos em casa? E aos filhos: Quais os maiores desafios que seus pais enfrentam por lhes ensinarem em casa?

Assim eles se expressaram:

**R:** *Ééé... o instrutor da escolinha (de esporte) ... ele quer o boletim do seu filho, o boletim escolar e você não tem. Então, tudo se atrela ao fato de a criança ter que estar na escola, né? Desescolarizar a cabeça da gente também é um outro desafio. Porque... quando a gente nasceu a escola já estava aí. Então, eu estudei na escola, né? Então, minha mente sempre foi uma mente escolarizada e eu precisava desescolarizar primeiro a minha cabeça. Eu e a minha esposa. Um outro desafio que a gente tem hoje nesse nível é conseguir trabalhar com os filhos sem o material didático adequado, né? Com recursos escassos. Enfrentar a justiça muitas vezes, né? As denúncias de vizinhos, de parentes, de donos de escola, né? Acho que esse também é um grande desafio.*

**L1:** *São alguns: o fato de não existir uma lei que regulamenta a Educação Domiciliar no Brasil, dificulta muito para as famílias. Não existe um material didático voltado para a Educação Domiciliar no Brasil. Não podemos dispor, como qualquer estudante, dos direitos que eles têm. Como: meia entrada nos teatros, cinemas, museus, meia passagem de ônibus. Estamos à margem da sociedade e isso nos impede de obtermos esses direitos. Como também trabalhar com o menor aprendiz ou obter descontos em planos do governo para estudar, ou fazer curso: como de idiomas ou esportes.*

**L2:** *Atualmente nenhum, porque a gente já tá bem fundamentado a respeito das nossas... enfim, eu e meu irmão... foi a gente que decidi junto com eles. Às vezes, no começo, a gente tinha um pouco de vergonha, mas a gente depois já sabia: véi, a gente tá assim porque a gente pediu, a gente gostou. Aquela questão das pessoas criticarem era um pouco fraca, porque partia de mim, não partia de cima, era uma coisa que a pessoa olhava pra mim e via que eu tava segura no que eu tava dizendo. Na questão, tipo, de denúncia familiar e tal, houve ameaças por parte de uma tia minha e aí ela falou: “não, talvez eu vá denunciar vocês”, mas foi uma menção que ela fez, ela não chegou a fazer isso de fato. E por parte do resto da família, todo mundo ficou muito tranquilo quando soube e muita gente apoiou e achou que era legal. A maioria dos meus primos e as pessoas que convivem comigo acham super tranquilo e tal. O maior inimigo, digamos assim, é a sociedade.*

**G:** *Eééé... acho que quase nenhum, os desafios que eles enfrentam são desafios de me levar ao conteúdo, de me ajudar a eu aprender, de eu buscar o próprio conteúdo sozinho. Talvez essa seja uma das dificuldades que nem seja uma dificuldade normalmente, eles me levam a eu pesquisar, a eu ir aprender. Nem sei se isso é uma dificuldade, né? Algumas vezes eles erram um pouco com isso.*

R comenta que o primeiro desafio estava na necessidade de ele e sua esposa desescolarizarem suas mentes, já que estavam acostumados com o sistema escolar. Entendemos essa reflexão no sentido que Marin, Stanley e Marin (1984, p.100) explicam desescolaridade quando, baseados no pensamento de Paul Goodman e Ivan Illich, comentam que boa parte das pessoas ao pensar a sociedade sem escolas, imaginam que as crianças ficariam selvagens, privadas de sabedoria e cultura. Porém, eles afirmam que Goodman e Illich ao pensar a desescolaridade, procuram a restauração do conhecimento e da cultura, pois acreditam que são destruídos nas escolas.

Acreditamos que, apesar de a iniciativa de ensinar os filhos em casa ter sido uma decisão em conjunto, os pais sentem mais as dificuldades que sofrem por terem tomado essa decisão, já que eles têm que lidar de forma mais contundente com as consequências dessa escolha. Já a fala dos filhos deixa transparecer outras dificuldades: a filha se refere a preconceito social, e o filho a inadequação metodológica em algumas situações.

Considerando que quem assume conduzir um processo de ensino-aprendizagem precisa ter clareza do que seja ensinar e aprender, e que sendo os estudantes envolvidos nesse processo pessoas com idade suficiente para se posicionar a esse respeito, perguntamos tanto aos pais quanto aos filhos: Para você, o que é ensinar?

**R:** *Para mim, ensinar é você levar o educando a aprender. A ser um sujeito do conhecimento. Ensinar é você realmente levar o educando a aprender de forma autônoma, é você ser um mediador entre ele e o conhecimento. Sendo um facilitador entre o educando e o conhecimento.*

**L1:** *Ensinar é você passar conhecimento sobre algo, instruir, orientar.*

**L2:** *Na educação domiciliar você tem que ensinar o seu filho a aprender. Acho que ensinar é isso: você mostrar um meio da pessoa chegar à coisa, não mostrar a coisa em si.*

**G:** *Pra mim, ensinar é você ééé...viver junto com o aluno o que ele tá aprendendo, é você ir junto com o aluno a fonte do conhecimento, mostrar a ele coisas novas, né? Levar ele a museus, a parques, aos lugares... assim ... que você possa aprender mesmo, não só ficar no livro didático, mas eu acho que ensinar é uma coisa que abrange tudo, né? Você ensina quando você tá fora de casa, quando você tá na escola, quando você tá na rua, você... alguém sempre pode te ensinar alguma coisa, uma pessoa sempre pode ter ensinar alguma coisa, né? Pra mim, ensinar é isso, você tá sempre aprendendo, mas não só o que o livro te ensina.*

Notamos que L1 se aproxima da concepção tradicional de ensino, segundo a qual o professor transmite o conhecimento para o aluno. Já as concepções de R, L2 e G se assemelham, pois definem ensinar como um caminho que induz o outro a aprender. Anastasiou (1998, p.1) completa esse pensamento ao afirmar que “o verbo ensinar, do latim *insignare*, significa marcar com um sinal, que deveria ser de vida, busca e despertar para o conhecimento”. Esclarece que *ensinar* contém duas dimensões: *uma utilização intencional e uma de resultado*. Em outras palavras, a intenção de ensinar e a efetivação dessa meta. Desse modo, o ensino ocorre se, de fato, o aluno aprende aquilo que foi abordado.

E o que é aprender?

**R:** *Aprender, para mim, tem muito mais a ver com a experiência que você tem do que com a absorção de conhecimento, de conteúdo. Acho que a informação que você consegue absorver, que você consegue relacionar e que você consegue aplicar ela de alguma forma, para mim isso é aprendido. Aprender é uma coisa que pra mim na vida intrauterina a gente está aprendendo. Então, aprendido é um processo contínuo de vida.*

**L1:** *Aprender é saber desenvolver as habilidades do que lhe foi ensinado, é saber repassar o conhecimento que lhe foi confiado.*

**L2:** *Aprender é absorver conhecimento, não apenas ser um passivo dele. Acho que aprender é você também ser apto a passar adiante. Aprender é aquilo que você tem pra você e você consegue compartilhar com os outros.*

**G:** *Aprender é quando você de fato entende o assunto. Você realmente entende as coisas que tá ali escritas lhe dizendo no livro, não só decorar as coisas, mas quando você entende tudo aquilo.*

R conceitua aprender como um *continuum*, relacionado a experiência de vida, afinado-se com o pensamento de Vygotsky quando este ressalta que a aprendizagem acontece desde o nascimento do indivíduo e está relacionado ao desenvolvimento, sendo um “aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1984, p. 67, apud OLIVEIRA, 1995, p. 56).

Observamos que L1 e L2 acreditam que o indivíduo mostra que aprendeu quando consegue repassar o conteúdo para outras pessoas. Notamos que as concepções de L2 e G também se assemelham em relação à apropriação do saber, indo, assim, ao encontro do que explica Anastasiou (1998, p. 3) quando difere *apreender* de *aprender*. Ela diz que o primeiro significa “segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender, compreender, *agarrar*”. Sendo um verbo ativo, no qual é necessário agir, exercitar-se, informar-se. Enquanto que o segundo significa “tomar conhecimento, reter na memória mediante o estudo, receber a informação de”. Diante disso, percebemos que L2 e G compreendem *aprender* como o *apreender* definido por Anastasiou, já que, para eles, está relacionado a ter domínio do conteúdo.

Sabemos que o planejamento é tarefa indispensável no processo ensino-aprendizagem e que demanda esforço e dedicação. Sobre esta questão, indagamos: Como é estruturado o processo de ensino-aprendizagem?

**R:** *A primeira coisa que temos que fazer é estabelecer metas. Então... o que eu quero que meu filho aprenda? Então... é conforme a idade. Nós temos auxílio de pedagogos, de educadores (amigos) que possam nos orientar quanto ao currículo. Então... o que se pode ensinar a uma criança de uma certa idade. E aí a gente traça as metas. Fazemos o currículo, as agendas para eles estudarem, porque no começo é importante, você precisa sim de uma muleta para você ir. A tendência desse processo é você ir criando uma autonomia. Então os pais não precisam se preocupar em ter domínio de conteúdo nem em ensinar tudo. Ele precisa ser um mediador do conhecimento. O pai precisa levar o filho a aprender de verdade. Aprender a ser o sujeito do conhecimento, a ir buscar o conhecimento. Aprender a pesquisar, aprender a estudar. E você vai percebendo, com o passar do tempo, que sua supervisão vai diminuindo, que ele vai ficando autônomo naquele processo, que o aprendizado é um processo natural. Então, tem horários para estudar sim. Na minha casa, a minha experiência,*

*a gente não passa mais de duas horas com eles. Porque tem que ser uma coisa legal, não pode ser uma coisa chata. Eu sigo os conteúdos do MEC.*

**L1:** *Então... isso não é o mais importante. Eles têm o momento que eles vão estudar sim, mas eu tô falando, o foco não passa a ser isso, entendeu? Eu não vou agora... tirei meus filhos da escola e a escola vai vir pra dentro da minha casa. O aprendizado se dá o tempo todo, de forma constante. Eles têm o horário pra estudar, têm agenda, têm... mas aquele momento ali eles estão estudando o conteúdo da escola. Fora aquele momento eles vão aprender outras coisas em outros horários, então... E eu fazia a minha organização. De manhã eu não saía de casa. Todas as minhas manhãs eu fico em casa, por quê? Porque eu preciso organizar minha casa e além disso eu preciso acompanhar meus filhos nos estudos, né? De manhã é o horário que a gente acordava, né? Tinha ali aquele horário devocional, depois a gente tomava café, depois eles me ajudavam na tarefa de casa, tipo limpar a mesa, lavar uma louça, forrar a cama, passar a vassoura na casa, eles me ajudavam na organização do dia, e lá para as nove, nove e meia a gente estava sentando para estudar. E a gente estudava até o horário de meio dia, meio dia e meia.*

**L2:** *Como fui eu que escolhi fazer, a gente estruturou meio que juntos. Ééé... quando eu saí da escola, eu já era um pouco maiorzinha, então a gente... eu já sabia mais ou menos como funcionava, que eu já tinha estado numa escola, diferente de uma pessoa que vai começar no homeschool desde criancinha e aí vai ser outra maneira de estruturar. Então, assim a gente dividiu um pouco da maneira que a escola faz, geralmente, mas eu ficava livre pra poder ...Então... essa flexibilidade que eu tenho no horário, na divisão dos conteúdos, eu podia deixar matéria pra amanhã, ou estudar só uma matéria hoje, porque tava muito legal essa matéria, eu tava aprendendo muita coisa, ou estudar com uma pessoa comigo. E eu também podia estudar sozinha.*

**G:** *Eles estruturam por série, pelas etapas, pelo mesmo conteúdo do MEC e eles colocam provas pra testar meu conhecimento, né? De acordo com cada série eles elaboram provas e isso eu vou...eu vou aprendendo, vou fazendo as provas e eles me dão depois uma nota igual o que se tem na escola, né? Eles dividem em séries...tudo bonitinho, os conteúdos...tudo que eu tenho que aprender naquele ano.*

O modo como a estruturação do processo de ensino-aprendizagem é relatada pelo pai se aproxima da Teoria Histórico Cultural na qual Vygotsky diz que a aprendizagem é um processo social que se realiza através das possibilidades criadas pelas mediações do sujeito e é dado no contexto sócio-histórico deste. Já que “a mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser

direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 1995, p. 26). Notamos que para o pai a educação domiciliar deverá gerar autonomia no aluno. Os pais, então, irão apenas mediar o conhecimento e, à medida que os filhos crescem, menos será necessária a intervenção deles.

Já a mãe descreve o passo-a-passo desse processo, desde a hora em que os filhos acordam, estudam, e realizam outras atividades cotidianas. Comenta sobre o ensino sistematizado e o que ocorre nas tarefas diárias.

L2 alude à questão do planejamento do qual ela participava com os pais, destacando a flexibilidade.

G assemelha esse processo ao da escola em três aspectos, pois seus pais seguem os conteúdos do MEC, fazem provas e seguem o sistema seriado.

Consideramos de suma importância que o docente tenha clareza quanto à avaliação e suas implicações no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. Por isso, perguntamos: Como ocorre a avaliação da aprendizagem?

**R:** *Nós fazemos provas, nem sempre como se faz na escola. Eu trabalho com eles com avaliações orais, com avaliações de trabalhos que eles têm que fazer. Então... a gente monta um trabalho. Ou então provas subjetivas, onde eu deixo eles escreverem. Agora eu tô começando a fazer provas objetivas.*

**LI:** *Ocorre em todo tempo e de diversas formas: através de discussões, leituras e interpretações, debates, apresentação de pesquisas, provas orais e escritas também. O objetivo não é obter notas, mas a criança ou jovem dominar o assunto, conseguindo entender o que estudou e transmitir a outros com segurança. Cada criança tem seu ritmo, e isso deve ser respeitado.*

**L2:** *A minha mãe,... ela geralmente avaliava... as provas que ela mesma fazia e produzia com base nos conteúdos dados, ou ela baixava da internet. Meus pais, geralmente, que corrigiam as provas, eles que avaliavam, eles faziam a correção com base nos gabaritos lá, com base nas provas que eles mesmos criaram. É com base de provas, mas não só por isso, por exemplo, quando a gente faz um trabalho, não precisa de prova, eles sabem que a gente já sabe o conteúdo por ali mesmo. Fazem uma pergunta ou outra, a gente consegue responder muito bem. As provas não necessariamente precisam ser escritas também. Às vezes, uma prova oral já funciona bastante.*

**G:** *Eles... colocam provas pra testar meu conhecimento, né? De acordo com cada série eles elaboram provas e isso eu vou... eu vou aprendendo, vou fazendo as provas e eles me dão depois uma nota igual o que se tem na escola, né?*

As respostas de R, L1 e L2 se afinam com o pensamento de Vasconcellos (2003, p.103) quando este diz que “avaliação processual, contínua, é essa atenção e ocupação permanente do professor com a apropriação efetiva do conhecimento por parte do aluno, com a interação aluno-objeto do conhecimento-realidade”.

Percebemos que a resposta de R se contradiz com a afirmação de G1, pois enquanto o primeiro diz que a avaliação é feita diferentemente da escola, o segundo afirma que o processo é semelhante. Salientamos que G1 foi o único que citou apenas a prova como instrumento de avaliação.

Sabendo que ainda não há reconhecimento legal do *homeschooling* no nosso país e que essa família precisou recorrer à justiça para garantir a adoção dessa modalidade na educação de seus filhos, interessou-nos saber como a família está informada acerca dessa situação. Para tanto, perguntamos aos pais: Atualmente, como está o processo de legalização do *homeschooling* no Brasil?

**R:** *Bom, ah... O processo de regulamentação do homeschooling... tem um projeto de lei tramitando que a gente deve pôr pra votar de novo esse ano. O texto da lei não está bom, porque os políticos mudaram. A gente está buscando mudar o relator, trazer o texto original que a gente tinha, que é melhor, e tem a questão também do STF... que a gente está tentando aí, já que o STF vai decidir se o Estado pode ou não pode proibir uma pessoa de fazer homeschooling, de educar seu filho em casa. Então, a gente também tá fazendo um trabalho junto ao STF, né? Esse negócio pode vir por uma via política, legislativa, ou por uma via judicial. Nós estamos trabalhando, a ANED está trabalhando para poder buscar a regulamentação, não a legalização, porque a gente não acha que o homeschooling é ilegal. Não tem nenhuma lei que proíba o homeschooling e não tem nenhuma lei que permita o homeschooling expressamente.*

**L1:** *O processo de lei está no Supremo Tribunal Federal, onde a ANED protocolou petição requerendo o ingresso como **Amicus Curiae** (expressão em Latim utilizada com o intuito de designar uma instituição que tem por finalidade fornecer subsídios às decisões dos tribunais) no Recurso Extraordinário nº 888.815, apresentando as razões que demonstram a constitucionalidade da Educação Domiciliar. Estamos aguardando o parecer do STF.*

Vemos que R e L1 mencionam um projeto de lei a ser votado para a regulamentação do *homeschooling*. Não acreditam que a sua prática seja ilegal, por não haver lei no Brasil que o permita ou o proíba. Quanto a isso, Moreira explica que existe uma lacuna na legislação brasileira pelo fato de a educação domiciliar ser um assunto que está sendo debatido recentemente. Diz que ela não pode ser caracterizada como um fenômeno ilegal, uma vez que

não existem fatos à margem do Direito. “Apenas essa omissão já é suficiente para, de forma preliminar, declarar a validade da educação domiciliar, pois a CF tem como um dos pilares o princípio da legalidade (art. 5º, II), que considera lícita qualquer conduta não expressamente proibida em lei” (MOREIRA, s/d, p. 2).

Acreditando que a experiência dessa família pode ser considerada um referencial para aquelas que pensam em seguir o seu exemplo com relação à educação dos filhos, perguntamos: Em sua opinião, como deve ser uma família que pretenda aderir ao *homeschooling*?

**R:** *Essa família, para mim, ela tem que ter um foco nos filhos. Se ela tiver... por exemplo... quase que é imperativo que a mamãe fique em casa, né? Um deles vai ter que ficar em casa, muito provavelmente é a mãe que vai ficar em casa, né? Pelo menos um turno, né? Se a renda familiar é complementada pela mãe e ela precisa ficar em casa, então tem que fazer um ajuste financeiro, tá? Passar mais tempo com os filhos, com certeza, né?. Então, assim, a família educadora é uma família que, ééé... tá sempre com os olhos voltados pra questão da educação, tá? você tem que abrir mão de algumas coisas que pode ser que você não esteja pronto para abrir mão. Então, esse é o perfil das famílias, que abriram mão por causa dos filhos, né?*

**L1:** *O perfil de uma família que pretende fazer educação domiciliar é aquela família que está disposta a mudar seu estilo de vida. É aquela família que está disposta a assumir intelectualmente a formação de seu filho. São famílias que estão dispostas a gastar tempo com seu filho. A tornar seu filho mais humano, mais sensível para ser útil à sociedade e, principalmente, ao próximo. Ensinar valores éticos e morais. Muito mais que ensinar conteúdos somente. O foco deve ser alcançar o coração do filho, muito mais do que a sua consciência e intelectualidade. Famílias que assumam a responsabilidade de educá-los, sem delegar essa tarefa a professores, nem babás, nem avós.*

**L2:** *Hum... eu acho que deve ser uma família em que haja liberdade, assim... pros filhos, pra família toda, assim... ter uma liberdade de comunicação e tal, sejam sociáveis uns com os outros. Que os pais ouçam os filhos e vice-versa, e que ééé...percebam... ééé... individualmente cada um, cada um seja considerado como um indivíduo, porque os pais vendo que os filhos são indivíduos, podem determinar qual é o melhor estilo de aprendizagem pra cada um e tudo... e junto com os filhos já ir descobrindo qual é a maneira de aprender de um e do outro. Eu acho que tem que ser, tem que ter esses laços, assim... de afeto e também de liberdade de tá um com o outro, acho que é importante.*

**G:** *É uma família que ela tem que se disciplinar ao longo do... tipo... é uma família que ela tem que... que ela tem que ir se disciplinando no tempo, se adaptando, porque, educação domiciliar não é só uma modalidade de educação, é um estilo de vida. É uma família, assim... que os pais têm que passar mais tempo com... com os filhos em casa... é uma família que a... toda família tem que ser voltada pra isso.*

Para R, L1 e G uma família que pretenda aderir à educação domiciliar precisa estar disposta a mudar todo o seu estilo de vida. Ao que L2 acrescenta a importância de um ambiente onde haja liberdade, comunicação e laços de afeto.

Uma das críticas mais contundentes com relação ao homeschooling é a questão da socialização, já que muitas pessoas alegam que, ao tirar os filhos da escola, os pais estão colocando-os em uma “bolha”, isolando-os do mundo. Por isso, resolvemos perguntar: Como se dá o processo de socialização do *homeschooler*?

**R:** *Ok. A gente precisa entender que as crianças educadas em casa, elas são socializadas também, certo? E elas também têm contatos com crianças que são da escola, porque elas têm contato com os primos, né? Com os filhos dos amigos.*

**L1:** *A criança é um ser social, desde que nasce, não precisa se socializar. Como assim? Não precisa ser inserido na sociedade para se socializar, ou ir à escola, como erroneamente nos foi ensinado. A criança já está inserida na sociedade, convive com as pessoas ao seu redor e o papel do pai é mediar essa socialização de forma competente, ensinando-a regras de convivência. Se a escola existe para socializar o homem, então, antes de existir escolas o homem não vivia em sociedade? Não era um ser sociável? A socialização que ocorre na escola é pobre. São várias crianças com a mesma idade e mesma classe social. Pouco podem aprender juntas, porque estão no mesmo nível intelectual e social. A socialização que é rica é aquela onde você tem a oportunidade de se relacionar com pessoas mais velhas que você, mais novas, de outras classes sociais, de outras culturas e que estão inseridas em outros locais da sociedade, não somente dentro de uma escola. Eu acredito que estar na escola é fazer parte de uma bolha, onde sou moldado de acordo com os padrões dessa instituição. Fora dela sou livre para estar em outros lugares e com outras pessoas. Me socializo muito mais e melhor. Esquecemos que na escola ocorre a má socialização também. Isso ninguém comenta. Muitos pais têm retirado seus filhos da escola justamente por estes sofreram com isso. Ex: drogas, violência, falta de segurança, bullying e outras coisas.*

**L2:** *Eu me socializava com todo mundo, ó: os vizinhos do meu prédio... eu tinha amigos... com minha família, sempre viajava, eu tenho amigos lá da igreja, o pessoal aqui da minha rua também, tinha... tinha muita gente, nossa casa sempre foi uma casa aberta, então a gente*

*sempre recebia muita visita, muitos hóspedes, os amigos... as amigas da minha mãe tinham filhos da minha idade, a gente saía juntos, tinha o grupo de apoio da educação domiciliar que a gente se encontrava de 15 em 15 dias, que tinham várias crianças, eram mais novas que eu, mas eu ajudava a cuidar deles e isso, de certa forma, é uma socialização sim. Tinha as minhas amigas mesmo, que eu ligava pra elas, me encontrava e saía. Eu tinha essa autonomia, né? Podia sair, elas podiam ir lá em casa. Então, foi normal como qualquer outra socialização. E eu sempre tive muitos amigos, eles sempre foram muito espalhados, eu sempre vejo eles quando dá. Então, as amizades que eu consigo, assim... as permanentes, são as que tão mais próximas de mim, como qualquer outra pessoa normal.*

Para o filho, especificamos a pergunta, levando em consideração sua pouca idade: Qual o seu ciclo de amizades?

**G:** *Ééé... pessoas normais... biblioteca... que eu faço, meus... meus amigos de igreja, tudo... as pessoas normais, eu tenho amizades em... as próprias pessoas da escola mantenho contato, amigos de outros lugares, né? por questões de viagens... amigos da internet. Tenho vários ciclos de amizades, assim, né? A maioria dos meus amigos é entre minha faixa etária também, não tenho amigos de outras idades... é isso.*

L1 Comenta que a criança é um ser social desde que nasce. Critica a socialização do sistema escolar, devolvendo com as mesmas palavras com que se critica o homeschooling, ao dizer que a escola coloca o indivíduo numa bolha, onde irá ser moldado conforme os padrões da escola. Defende que a socialização desse sistema é pobre, porque as crianças não convivem com outras de faixa etária e classe social diferentes. A esse respeito, Abadie ressalta que é necessário ter amigos, conviver com outras crianças, porém “a infância não é um fim em si mesmo” (ABADIE, 2013, p. 1). Ela diz que aprender a ter responsabilidades é tão importante quanto brincar. Para isso, a criança precisa ser preparada para a fase adulta, logo ela deve conviver também com pessoas de diferentes faixas etárias. Reforça: “Quem dentre elas apontará o caminho para aquilo que devem vir a ser, se, ao redor de si, há apenas quem reforce, seja por meio da diversão ou por meio da disputa e da inveja, aquilo que já se é?” (ABADIE, 2013, p. 1).

Observamos que todos defendem não haver problemas quanto à socialização. R, L1 e L2 explicam que a socialização acontece de forma natural e no cotidiano, com pessoas de diferentes faixas etárias. G também diz se socializar com pessoas de diferentes grupos, porém da mesma faixa etária.

Como nessa família há uma universitária, oriunda de Ensino Médio cursado em homeschooling, esse fato aguçou a nossa curiosidade e perguntamos: Como se deu o ingresso na universidade?

**R:** Bem... Ela foi a primeira aluna homeschooling a ganhar na justiça o direito de receber o Certificado de Conclusão do Ensino Médio, através do desempenho do ENEM, aos 16 anos, e matricular-se numa universidade em que ela prestou vestibular. Nós não a queríamos tão cedo na universidade. Era um desejo dela e nós avaliamos e permitimos. Ela se relacionou tão bem com os colegas que em duas semanas de aula foi eleita líder de turma, mesmo sendo a mais nova, contrariando alguns pedagogos que dizem que a falta de socialização escolar cria uma bolha em torno do aluno homeschooling, impedindo que ele se desenvolva em suas relações sociais.

**L1:** Igual a qualquer jovem: faz-se a prova do ENEM. Hoje já é lei que qualquer jovem com 18 anos completos, já podem fazer a prova do Enem e se obter 500 pontos na Redação e 450 pontos nas provas eletivas, tem o direito de receber a certificação do ensino médio. Para ingressar na faculdade ele precisa obter a média de pontos que está sendo exigida para o curso que ele escolheu. Durante o tempo que você está com seu filho estudando em casa, você consegue perceber suas aptidões, habilidades e aquilo que ele tem interesse de seguir como carreira profissional. E desde cedo você pode prepará-lo para fazer a prova do Enem de forma que ele seja bem sucedido e possa ingressar na faculdade. Assim... minha filha com 16 anos obteve uma nota satisfatória para entrar na faculdade de jornalismo, para a nossa surpresa. E mediante processo na Justiça, obteve o direito de receber a certificação do ensino médio e entrar na faculdade, porque não tinha a idade suficiente, exigida por lei.

**L2:** Pra mim foi assim... tranquilo, principalmente na questão de estudo, assim... pra mim foi basicamente a mesma coisa, inclusive eu achei a faculdade muito fácil, eu tava esperando um desafio maior, alguma coisa que... tá! Cadê o grande... E aí? É isso? Eu fiquei assim... tava esperando alguma coisa mais desafiadora, ainda tô esperando, inclusive, que alguém me desafie, porque por enquanto, ainda tá muito tranquilo.

R e L1 afirmam que a filha entrou na universidade através do ENEM. R garante que ela conseguiu se adaptar bem ao ambiente. L2 assegura que não sentiu dificuldades ao entrar na faculdade, pelo contrário, esperava algo mais desafiador. Acerca dessa questão, Andrade (2014, p.64) diz que muitos estudos descobriram que homescholers superam seus pares institucionalmente escolarizados, e alguns que observam outras variáveis têm encontrado pouco, senão nenhuma diferença entre os estudantes universitários que foram educados em casa e aqueles que estudaram em escolas regulares.

Diante do exposto neste capítulo, entendemos que a família que nos concedeu entrevista, colaborando para o nosso estudo, tem clareza sobre a modalidade de educação que escolheu e é consciente das dificuldades que tal decisão acarreta, principalmente para os pais. Estes têm que se preparar continuamente, como qualquer professor, ou até mais, devido à cobrança que lhes é imposta, seja pelas autoridades, pela sociedade como um todo, e até mesmo por pessoas que compõem sua família ampliada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia, nosso objetivo foi analisar o processo de ensino-aprendizagem no *homeschooling*. Para tanto, elaboramos um referencial teórico começando pela busca conceitual de termos que constituem a base dessa análise. Porém, à medida que íamos pesquisando sobre o tema, mais aspectos dele chamavam a nossa atenção, pois percebemos o quanto afeta a vida das famílias que optam por essa modalidade de ensino. Então, achamos importante fazer um breve resgate histórico da educação a fim de tentarmos estabelecer relação entre algumas formas de educação adotadas em espaços/tempos diferentes e a proposta do *homeschooling*. Posteriormente, discorreremos sobre a base legal e a questão da socialização. Como escrever sobre Homeschooling é tratar de um tema que envolve essencialmente a família, uma instituição que pode apresentar diferentes estruturas em sua composição, deixamos claro o que denominamos família quando a ela nos referimos ao longo do texto. Em seguida, apresentamos críticas à escola e ao *homeschooling*, a partir de posicionamentos de pessoas que se dedicam ao estudo do tema, sem deixar de nos posicionarmos também.

Outro aspecto que consideramos relevante foi o planejamento, por entendermos que para que processo ensino-aprendizagem ocorra da melhor maneira possível, é necessário que a pessoa responsável pela sua condução planeje as ações que serão realizadas pelos envolvidos nesse processo. Além do que precisam ter clareza sobre o ensinar, o aprender e o avaliar, elementos inerentes ao fazer pedagógico.

De posse desse respaldo teórico analisamos as respostas às entrevistas feitas com os membros de uma família que aderiu ao *homeschooling*. Suas respostas nos conduziram ao entendimento de significados construídos por eles, a partir de seu discurso que nos revelou o contexto de suas atividades cotidianas, bem como suas concepções.

Esse trabalho nos propiciou ampliar o entendimento sobre *homeschooling*. Acreditamos que ensinar os filhos em casa pode ser uma boa opção, uma vez que os pais poderão passar mais tempo com seus filhos, ensinar também os valores da família, sem que haja tanto risco de serem desfeitos. Porém, os pais precisam estar em acordo e convictos dessa decisão, a qual irá repercutir em todas as áreas de sua vida. Sabendo que precisam estar dispostos a abdicar de uma vida mais confortável, já que muitas vezes, essas famílias são colocadas à margem da sociedade.

Ressaltamos que nem todas as famílias querem ou têm as condições necessárias para fazer educação domiciliar, já que é necessário investimento financeiro, dedicação total aos

filhos e, por causa disso, geralmente, a mãe abdica de um emprego para cuidar deles. Portanto, não se trata de mudar a escola, de obrigar todo mundo a estudar em casa, mas de uma opção para quem queira e possa educar seus filhos em sua residência.

A partir do embasamento teórico e das entrevistas, desmistificamos algumas críticas à Educação Domiciliar, tais como: os pais não têm preparo para ensinar seus filhos, os estudantes de *homeschooling* têm dificuldades para se socializar, entre outros. Percebemos que os entrevistados, apesar de se contradizerem em algumas falas, estão bem inteirados e convictos dessa escolha, explanando justificativas plausíveis, e críticas ao sistema escolar, sustentáveis.

Em relação à base legal seria necessário um conhecimento mais profundo sobre as leis. Mas, notamos que os defensores do *homeschooling* possuem argumentos contundentes a favor da educação domiciliar, tanto os citados na fundamentação teórica, como os entrevistados.

Sobre o processo de ensino-aprendizagem, verificamos que teorias estudadas no curso de Pedagogia são colocadas em prática pela família entrevistada, o que não se vê com frequência em muitas escolas regulares. Portanto, é necessária uma transformação no sistema escolar, fazendo uma ponte entre as teorias abordadas no curso de Pedagogia e a prática em sala de aula.

Consideramos que a educação domiciliar é, realmente, um tema instigador, inovador e desafiador, o que gerou mais curiosidade e gosto pelo trabalho. Notamos o quanto a educação se configura de modo amplo, pois esta se faz no dia-a-dia, tanto nos momentos planejados de ensino-aprendizagem, como nas atividades rotineiras de nosso cotidiano. Concordamos, portanto, que os pais já são naturalmente educadores, sendo muito influentes na formação dos filhos. Enfatizamos que o *homeschooling* é uma alternativa de ensino, que não anula a escola, e não garante o sucesso pessoal e profissional de quem optou por ele, mas que as famílias que optaram por ele buscam uma qualidade de vida e de ensino e aprendizagem melhores.

## REFERÊNCIAS

ABADIE, Camila Hochmüller. **Homeschooling: dois contra-argumentos e um grave alerta.** Disponível em: <http://www.midiaseemmascara.org/artigos/educacao/14449-homeschooling-dois-contra-argumentos-e-um-grave-alerta.html> Acesso em: 04/04/2016.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem.** Artigo Científico. IBPEX. Curitiba, 1998. Disponível em:

<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=ensinar%20e%20aprender%20lea%20anastasiou> Acesso em 02/06/2015.

ANDRADE, Édison Prado. **A educação familiar desescolarizada como um direito da criança e do adolescente: relevância, limites e possibilidades na ampliação ao direito à educação.** Tese de Doutorado. FEUSP. São Paulo, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/R/Downloads/EDISON\\_PRADO\\_DE\\_ANDRADE\\_rev%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/R/Downloads/EDISON_PRADO_DE_ANDRADE_rev%20(2).pdf) Acesso em: 24/03/2015.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil.** 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOMICILIAR (ANED) **Fundamentos da Educação Domiciliar: conceito, características, histórico.** Belo Horizonte: ANED, 2012. Disponível em: [www.aned.org.br/portal/index.php/ensino-domiciliar](http://www.aned.org.br/portal/index.php/ensino-domiciliar) Acesso em: 15/06/2015.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Ensino em casa no Brasil: análise histórica de seus aspectos legais.** Tese de Doutorado. FEUSP. São Paulo. 2009. Disponível em: [http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2009/184.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2009/184.pdf) Acesso em: 07/04/2015.

BOUDENS, Emile. **Ensino em casa no Brasil.** Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. 2002. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/arquivos/pdf/pdf/200417.pdf> Acesso em: 14/03/2016.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Comissão de Legislação Participativa. Educação domiciliar.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/edicoes/paginas-individuais-dos-livros/educacao-domiciliar> Acesso em: 07/04/2015.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 3.179/2012.** Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=963755&filename=PL+3179/2012](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=963755&filename=PL+3179/2012) Acesso em: 07/04/2015.

BUTCHER, Anne. **3 mitos sobre Homeschooling.** Disponível em: <http://epl.org.br/2015/05/04/3-mitos-sobre-homeschooling/> Acesso em: 04/04/2016

Estilo de vida. **Dicionário inFormal (SP),** 2014. <d<http://www.dicionarioinformal.com.br/estilo+de+vida/>> Acesso em: 1/04/2016.

Estilo de vida. **Wikipedia, a enciclopédia livre.**  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Estilo\\_de\\_vida](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estilo_de_vida)>. Acesso em: 1/04/2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GOSS, Karina Pereira e PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Em Tese**. UFSC. Santa Catarina. Vol. 2, nº 1 (2), janeiro-julho 2004, p. 75-91, 2004.  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13624>> Acesso em: 07/04/2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 3 ed, 1976.

LIBÂNEO, José Carlos. Ensinar e aprender, aprender e ensinar: o lugar da teoria e da prática em didática. In LIBÂNEO, José Carlos e ALVES, Nilda (Orgs.). **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARIN, Peter; STANLEY, Vincent; MARIN, Kathryn. **Os limites da educação escolar**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Ed.11 Petrópolis, RJ: Vozes 1999.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia - PPgEL/UFRN**, Nº 5, jan-jun, 2010.

MIZUKI, Gláucia. **Por que o cristão precisa saber mais sobre Homeschooling?** Disponível em: <http://www.barrabaslivre.com/2014/08/por-que-o-cristao-precisa-saber-mais.html> Acesso em: 27/04/2016.

MOREIRA, Alexandre Magno Fernandes. **A situação jurídica do ensino domiciliar no Brasil**. Disponível em: [http://www.aned.org.br/portal/downloads/A\\_situacao\\_juridica\\_do\\_ensino\\_domiciliar\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.aned.org.br/portal/downloads/A_situacao_juridica_do_ensino_domiciliar_no_Brasil.pdf) Acesso em: 07/04/2015.

OLIVEIRA, Marta. Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico**. 2 ed. São Paulo: Scipione. 1995.

PORTES, L. A. **Estilo de Vida e Qualidade de Vida: semelhanças e diferenças entre os conceitos**. *Lifestyle* J, 2011;1(1):8-10.  
<[revistas.unasp.edu.br/LifestyleJournal/article/download/128/127](http://revistas.unasp.edu.br/LifestyleJournal/article/download/128/127)> Acesso em: 1/04/2016.

TERUYA, Marisa Tayra. **A historiografia da família brasileira: bases e perspectivas de análise**. 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>. Acesso em: 05/2015.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem:** Práticas de Mudança – por uma práxis transformadora. 5 ed. São Paulo: Libertad, 2003.

\_\_\_\_\_. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 5 ed. São Paulo: Libertad, 1999.